

MAPA DA VIOLÊNCIA 2013

MORTES *MATADAS* POR ARMAS DE FOGO

Julio Jacobo Waiselfisz



CEBELA

Centro Brasileiro de
Estudos Latino-Americanos



FLACSO
BRASIL

www.flacso.org.br

Créditos:

Coordenação: Julio Jacobo Waiselfisz

Coordenação web: Juliana Pisaneschi

Assistente de Coordenação: Nara Pavão

Revisão: Iara Maria da Silva Beolchi

Projeto Gráfico: Miriam Duarte Teixeira

MAPA DA VIOLÊNCIA 2013

Mortes *Matadas* por Armas de Fogo

Julio Jacobo Waiselfisz

*“E foi morrida essa morte,
irmãos das almas,
essa foi morte morrida
ou foi matada?
Até que não foi morrida,
irmão das almas,
esta foi morte matada,
numa emboscada.”*

Morte e Vida Severina
João Cabral de Melo Neto

*“Algo está muito mal
quando as pessoas de boa vontade
consideram que para viver em paz
é preciso estar armado”*

Sen. Cristovam Buarque
Tweeter

Índice

1. Introdução	6
2. Mortalidade por armas de fogo 1980/2010.....	9
3. Mortalidade por armas de fogo nas unidades federadas.....	16
4. Mortalidade por armas de fogo nas capitais.....	23
5. Mortalidade por armas de fogo nos municípios.....	28
6. Idade, sexo e raça/cor das vítimas.....	33
7. Dados internacionais.....	42
8. Considerações finais	49

1. Introdução

O tema da violência em geral, e o da criminalidade em particular, tem merecido crescente atenção nos últimos anos, com um incremento significativo no número de estudos. Em menor escala, também o problema das armas de fogo, seu uso, sua posse e sua distribuição no Brasil, vem recebendo crescente atenção. Contamos já com estudos que tentam quantificar ou qualificar esse fenômeno, com merecido destaque em diversos foros nacionais e internacionais. Ainda assim, temos fortes carências nessa área, devido, principalmente, à inexistência de fontes com uma dose mínima de fidedignidade que possibilitem quantificar, abordar ou aprofundar o tema.

Situação diferente é a da mortalidade por armas de fogo. Contamos nessa área com uma fonte que apresenta um aceitável grau de fidedignidade, que possibilita delinear comparações nacionais e internacionais por seu elevado grau de sistematização e também nos permite trabalhar com séries históricas longas. Trata-se do Subsistema de Informação sobre Mortalidade - SIM - do Ministério da Saúde, atualmente na sua Secretaria de Vigilância em Saúde.

A partir do ano de 1979, o Ministério da Saúde passou a implementar o SIM, cujas bases de dados serviram de fonte básica para a elaboração do presente estudo.

Pela legislação vigente no Brasil (Lei nº 015, de 31/12/73, com as alterações introduzidas pela Lei nº 6.216, de 30/06/75), nenhum sepultamento pode ser feito sem a certidão de registro de óbito correspondente. Esse registro deve ser feito à vista de Declaração de Óbito, expedida por médico ou, na falta de médico na localidade, por duas pessoas qualificadas que tenham presenciado ou constatado a morte.

A Declaração normalmente fornece dados de idade, sexo, estado civil, profissão, naturalidade e local de residência. Determina igualmente que o registro do óbito seja sempre feito “no lugar do falecimento”, isto é, onde ocorreu a morte.

Uma outra informação relevante para o nosso estudo, exigida pela legislação, é a causa da morte. Até 1995, tais causas eram classificadas pelo SIM seguindo os capítulos da nona revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-9), proposta

e sistematizada em nível internacional pela Organização Mundial da Saúde - OMS. A partir daquela data, o Ministério da Saúde adotou a décima revisão (CID-10) da OMS.

Os aspectos de interesse para o presente estudo estão contidos no que o CID-10, em seu Capítulo XX, classifica como "causas externas de morbidade e mortalidade". Quando um óbito devido a causas externas (acidentes, envenenamento, queimadura, afogamento, etc.) é registrado, descreve-se tanto a natureza da lesão como as circunstâncias que a originaram. Assim, para a codificação dos óbitos, foi utilizada a causa básica entendida como o tipo de fato, violência ou acidente causante da lesão que levou à morte. Dentre as causas de óbito estabelecidas pelo CID-10 interessam ao presente estudo as **mortes por armas de fogo**. Trata-se de todos aqueles óbitos acidentais, por agressão intencional de terceiros (homicídios), autoprovocadas intencionalmente (suicídios) ou de intencionalidade desconhecida, cuja característica comum foi a morte causada por uma arma de fogo. Agrupa os casos de utilização de arma de fogo nas categorias W32 a W34 dos óbitos por traumatismos acidentais; X72 a X74 das lesões autoprovocadas intencionalmente ou suicídios; X93 a X95 das agressões intencionais ou homicídios e Y22 a Y24 do capítulo de intenção indeterminada.

Para as comparações internacionais, foram utilizadas as bases de dados de mortalidade da Organização Mundial da Saúde¹ - OMS - com as quais opera também o nosso SIM, motivo pelo qual ambas séries de dados são totalmente compatíveis, possibilitando as comparações internacionais. Contando com as bases do Whosis, foi possível completar os dados de mortalidade por armas de fogo de 100 países do mundo que utilizam a versão mais recente: CID10 - única versão que no Whosis permite desagregar as mortes por armas de fogo. Mas, como os países demoram a enviar suas atualizações, não foi possível homogeneizá-los para um único ano. Assim, foram utilizados os últimos dados disponibilizados pela OMS que, segundo o país, variam de 2006 a 2009.

Não se pode negar que as informações do sistema de registro de óbitos ainda estão sujeitas a uma série de limitações e críticas, expostas pelo próprio SIM², e também por outros autores que trabalharam com o tema (Mello Jorge³; Ramos de Souza et alii).

¹ WHOSIS, World Mortality Databases

² SIM/DATASUS/MS. *O Sistema de Informações sobre Mortalidade*. SI, 1995.

³ MELLO JORGE, M.H.P. Como Morrem Nossos Jovens. In: CNPD. *Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas*. Brasília, 1998.

A primeira grande limitação, assumida pelo próprio SIM, é o sub-registro, devido à ocorrência de inúmeros sepultamentos sem o competente registro, determinando uma redução do número de óbitos declarados. Não só a quantidade, mas também as qualidades dos dados têm sofrido reparos: mortes sem assistência médica que impedem a correta indicação das causas e ou lesões, deficiências no preenchimento adequado da certidão, etc. Apesar dessas limitações, existe ampla coincidência em indicar, por um lado, a enorme importância desse sistema e, por outro, a necessidade de seu aprimoramento.

Para o cálculo das taxas de mortalidade, foram utilizadas as projeções intercensitárias disponibilizadas pelo DATASUS, baseado em estimativas populacionais do IBGE.

- 1980, 1991, 2000 e 2010: IBGE - Censos Demográficos
- 1996: IBGE - Contagem Populacional
- 1981-1990, 1992-1999, 2001-2006: IBGE - Estimativas preliminares para os anos intercensitários dos totais populacionais, estratificadas por idade e sexo pelo MS/SE/Datasus.
- 2007-2008: IBGE - Estimativas elaboradas no âmbito do Projeto UNFPA/IBGE (BRA/4/P31A) - População e Desenvolvimento. Coordenação de População e Indicadores Sociais.

Todas essas estimativas e resultados censitários encontram-se disponíveis no site do DATASUS.

Contudo, essas estimativas intercensitárias oficiais não estão desprovidas de certa margem de erro, que aumenta em função da distância do último censo disponível. Por esse motivo, o ano de 2009 foi por nós estimado por interpolação linear entre os anos de 2008 e 2010, para evitar quebras nas séries históricas.

Já os dados da população para a estimativa das taxas internacionais, foram obtidos, de acordo com sua disponibilidade, no já mencionado WHOSIS ou no US Census Bureau, a Oficina de Censos e Estatísticas dos EEUU ou na UIS, Instituto de Estatísticas da UNESCO, que realizam estimativas da população dos diversos países do mundo.

2. Mortalidade por armas de fogo 1980/2010

Segundo estimativas realizadas por Dreyfus e Nascimento⁴, na última década o país contava com um vasto arsenal de armas de fogo:

- 15,2 milhões em mão privadas
- 6,8 registradas
- 8,5 não registradas
- Dentre elas 3,8 milhões em mãos criminais

O volume desse arsenal guarda correspondência com a mortalidade que origina. Os registros do SIM permitem verificar que, entre 1980 e 2010, perto de 800 mil cidadãos morreram por disparos de algum tipo de arma de fogo - AF. Nesse período, as vítimas passam de 8.710 no ano de 1980 para 38.892 em 2010, um crescimento de 346,5%. Temos de considerar que, nesse intervalo, a população do país cresceu 60,3%. Mesmo assim, o saldo líquido do crescimento da mortalidade por armas de fogo, descontando o aumento populacional, ainda impressiona, como será visto adiante, no tratamento das taxas de mortalidade.

Entre os jovens de 15 a 29 anos esse crescimento foi ainda maior: passou de 4.415 óbitos em 1980 para 22.694 em 2010: 414% nos 31 anos entre essas datas.

O alto crescimento das mortes por armas de fogo foi puxado, quase exclusivamente, pelos homicídios, que cresceram 502,8%, enquanto os suicídios com armas de fogo cresceram 46,8% e as mortes por acidentes com armas caíram 8,8%. Por último, as mortes por AF de causalidade indeterminada, isto é, sem especificação (suicídio, homicídio ou acidente), tiveram uma significativa queda, evidenciando uma melhoria na apuração das informações.

A evolução ao longo dessas décadas não foi homogênea. Entre 1990 e 2003 o crescimento foi relativamente sistemático e regular, com um ritmo muito acelerado: 7,3% ao ano. Depois do pico de 39,3 mil mortes em 2003, os números, num primeiro momento, caíram para aproximadamente 36 mil, mas depois de 2008 ficam oscilando

⁴ DREYFUS, P & NASCIMENTO, M.S. Small Arms Holdings in Brazil: Toward a Comprehensive Mapping of Guns and Their Owners.' FERNANDES, R. ed. *Brazil: The Arms and the Victims*. Rio de Janeiro: 7 Letras/Viva Rio/ISER, 2005.

em torno das 39 mil mortes anuais. O Estatuto e a Campanha do Desarmamento, que iniciam em 2004, pareceriam ser fatores de peso na explicação dessa mudança⁵.

⁵ Waiselfisz, JJ. Mortes Matadas por Armas de Fogo no Brasil. 1979/2003. Brasília. UNESCO, 2004. e
----- . Vidas Pougadas. Brasília. UNESCO. 2005.

Tabela 2.1. Número de vítimas letais por armas de fogo na população total e na jovem segundo causa básica. Brasil. 1980/2010

ANO	POPULAÇÃO TOTAL					15 A 29 ANOS				
	Acidente	Suicídio	Homicídio	Indeter- minado	Total arma de fogo	Acidente	Suicídio	Homicídio	Indeter- minado	Total arma de fogo
1980	386	660	6.104	1.560	8.710	155	292	3.159	809	4.415
1981	448	731	6.452	1.689	9.320	189	365	3.325	856	4.735
1982	467	657	6.313	1.608	9.045	206	312	3.118	839	4.475
1983	566	789	6.413	3.062	10.830	242	348	3.215	1.633	5.438
1984	515	766	7.947	3.350	12.578	242	337	4.061	1.851	6.491
1985	575	781	8.349	3.783	13.488	265	334	4.482	2.098	7.179
1986	669	788	8.803	4.609	14.869	334	347	4.750	2.562	7.993
1987	677	951	10.717	3.747	16.092	304	394	5.711	2.081	8.490
1988	586	827	10.735	4.978	17.126	279	360	5.760	2.778	9.177
1989	605	850	13.480	5.505	20.440	291	349	7.513	3.227	11.380
1990	658	989	16.588	2.379	20.614	329	427	9.193	1.264	11.213
1991	1.140	1.037	15.759	3.614	21.550	644	490	8.560	1.866	11.560
1992	859	1.085	14.785	4.357	21.086	496	479	7.718	2.172	10.865
1993	456	1.169	17.002	4.115	22.742	205	557	9.317	2.048	12.127
1994	353	1.321	18.889	3.755	24.318	161	603	10.455	1.882	13.101
1995	534	1.555	22.306	2.369	26.764	239	692	12.168	1.180	14.279
1996	270	1.543	22.976	1.692	26.481	117	636	12.428	781	13.962
1997	250	1.539	24.445	1.519	27.753	97	614	13.680	748	15.139
1998	371	1.407	25.674	2.759	30.211	181	545	14.643	1.437	16.806
1999	888	1.260	26.902	2.148	31.198	464	513	15.475	1.138	17.590
2000	329	1.330	30.865	2.461	34.985	143	508	18.252	1.347	20.250
2001	336	1.408	33.401	1.977	37.122	140	575	19.800	1.083	21.598
2002	318	1.366	34.160	2.135	37.979	123	549	20.567	1.247	22.486
2003	283	1.330	36.115	1.597	39.325	118	516	21.755	865	23.254
2004	201	1.247	34.187	1.478	37.113	88	471	20.827	822	22.208
2005	244	1.226	33.419	1.171	36.060	96	428	20.336	664	21.524
2006	404	1.138	34.921	897	37.360	188	406	20.939	471	22.004
2007	320	1.141	34.147	1.232	36.840	126	364	20.546	691	21.727
2008	353	1.123	35.676	1.506	38.658	153	375	21.475	801	22.804
2009	351	1.069	36.624	1.633	39.677	156	310	21.912	913	23.291
2010	352	969	36.792	779	38.892	152	299	21.843	400	22.694
Total	14.764	34.052	670.946	79.464	799.226	6.923	13.795	386.983	42.554	450.255
Δ %	-8,8	46,8	502,8	-50,1	346,5	-1,9	2,4	591,5	-50,6	414,0

Fonte: SIM/SVS/MS

Os dados indicam que essas políticas, se conseguiram soffrear a tendência do crescimento acelerado da mortalidade por armas de fogo imperante no país, não tiveram suficiente efetividade ou força para reverter o processo e fazer os números regredirem, como deverá ser analisado ao longo do estudo.

Entre os jovens, o crescimento da mortalidade por AF foi mais intenso ainda. Se no conjunto da população os números cresceram 346,5% ao longo do período, entre os jovens esse crescimento foi de 414,0%. Também os homicídios jovens cresceram de forma mais acelerada: na população como um todo foi de 502,8%, mas entre os jovens o aumento foi de 591,5%

Tabela 2.2. Taxas de mortalidade (em 100 mil) da população total e da jovem por armas de fogo segundo causa básica. Brasil. 1980/2010

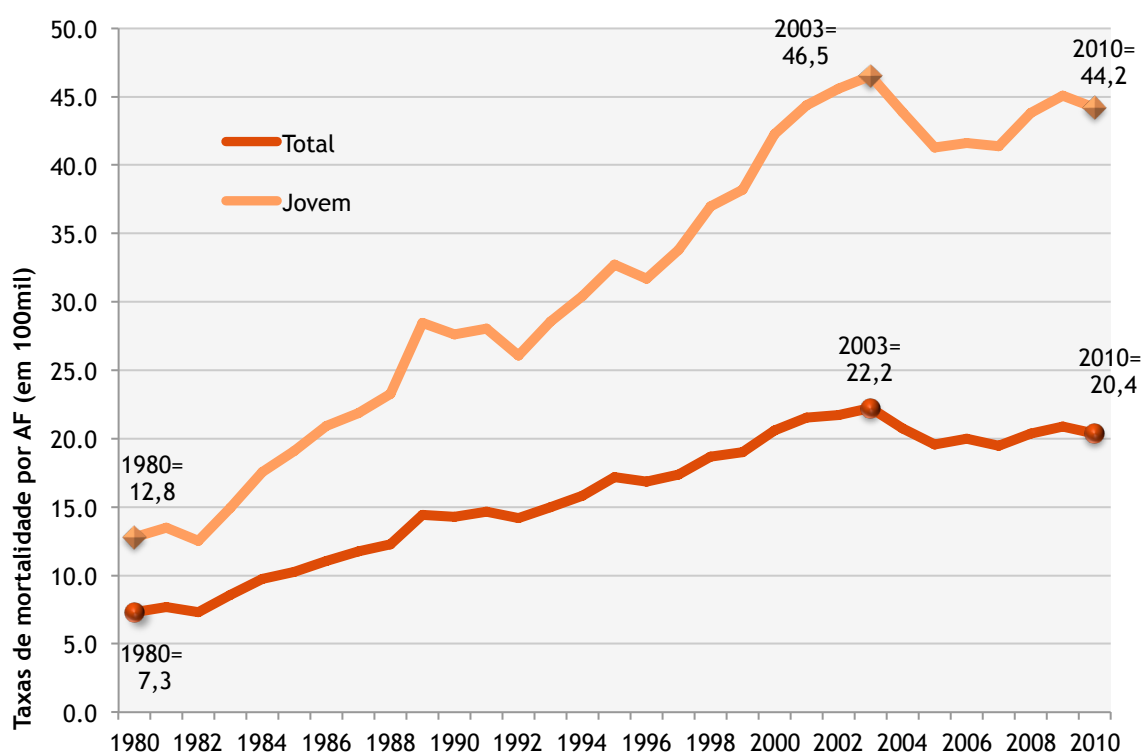
ANO	POPULAÇÃO TOTAL					15 A 29 ANOS				
	Acidente	Suicídio	Homicídio	Indeter- minado	Total arma de fogo	Acidente	Suicídio	Homicídio	Indeter- minado	Total arma de fogo
1980	0,3	0,6	5,1	1,3	7,3	0,4	0,8	9,1	2,3	12,8
1981	0,4	0,6	5,3	1,4	7,7	0,5	1,0	9,5	2,4	13,5
1982	0,4	0,5	5,1	1,3	7,3	0,6	0,9	8,7	2,3	12,5
1983	0,4	0,6	5,1	2,4	8,6	0,7	1,0	8,8	4,5	15,0
1984	0,4	0,6	6,2	2,6	9,7	0,7	0,9	11,0	5,0	17,6
1985	0,4	0,6	6,3	2,9	10,2	0,7	0,9	11,9	5,6	19,1
1986	0,5	0,6	6,6	3,4	11,1	0,9	0,9	12,4	6,7	20,9
1987	0,5	0,7	7,8	2,7	11,8	0,8	1,0	14,7	5,4	21,9
1988	0,4	0,6	7,7	3,6	12,3	0,7	0,9	14,6	7,0	23,3
1989	0,4	0,6	9,5	3,9	14,4	0,7	0,9	18,8	8,1	28,4
1990	0,5	0,7	11,5	1,7	14,3	0,8	1,1	22,7	3,1	27,6
1991	0,8	0,7	10,7	2,5	14,7	1,6	1,2	20,8	4,5	28,0
1992	0,6	0,7	9,9	2,9	14,2	1,2	1,1	18,5	5,2	26,1
1993	0,3	0,8	11,2	2,7	15,0	0,5	1,3	22,0	4,8	28,6
1994	0,2	0,9	12,3	2,4	15,8	0,4	1,4	24,3	4,4	30,4
1995	0,3	1,0	14,3	1,5	17,2	0,5	1,6	27,9	2,7	32,7
1996	0,2	1,0	14,6	1,1	16,9	0,3	1,4	28,2	1,8	31,7
1997	0,2	1,0	15,3	1,0	17,4	0,2	1,4	30,5	1,7	33,8
1998	0,2	0,9	15,9	1,7	18,7	0,4	1,2	32,2	3,2	37,0
1999	0,5	0,8	16,4	1,3	19,0	1,0	1,1	33,6	2,5	38,2
2000	0,2	0,8	18,2	1,4	20,6	0,3	1,1	38,1	2,8	42,2
2001	0,2	0,8	19,4	1,1	21,5	0,3	1,2	40,7	2,2	44,4
2002	0,2	0,8	19,6	1,2	21,7	0,2	1,1	41,7	2,5	45,6
2003	0,2	0,8	20,4	0,9	22,2	0,2	1,0	43,5	1,7	46,5
2004	0,1	0,7	19,1	0,8	20,7	0,2	0,9	41,1	1,6	43,9
2005	0,1	0,7	18,1	0,6	19,6	0,2	0,8	39,0	1,3	41,3
2006	0,2	0,6	18,7	0,5	20,0	0,4	0,8	39,6	0,9	41,6
2007	0,2	0,6	18,0	0,7	19,5	0,2	0,7	39,1	1,3	41,4
2008	0,2	0,6	18,8	0,8	20,4	0,3	0,7	41,3	1,5	43,8
2009	0,2	0,6	19,3	0,9	20,9	0,3	0,6	42,4	1,8	45,1
2010	0,2	0,5	19,3	0,4	20,4	0,3	0,6	42,5	0,8	44,2
Δ %	-43,1	-8,4	276,1	-68,8	178,6	-34,0	-31,1	365,1	-66,7	245,8

Fonte: SIM/SVS/MS

Quando levamos em conta a população, que também cresceu nesse período, temos as taxas de homicídios detalhadas na tabela 2.2⁶.

No conjunto da população, o crescimento foi de 178,6% mas, entre os jovens, foi bem maior: 245,8%. Considerando esse universo, vemos que a partir de 1982 e até 2003 o crescimento das mortes por AF na população total é sistemático e constante, quase uma linha reta, com um ritmo de 5,5% ao ano. Já entre os jovens, com algumas oscilações, o crescimento nesses anos foi maior: 6,5% ao ano.

Gráfico 2.1. Taxas de mortalidade (em 100 mil habitantes) por armas de fogo. População Total e Jovem. Brasil. 1980/2010



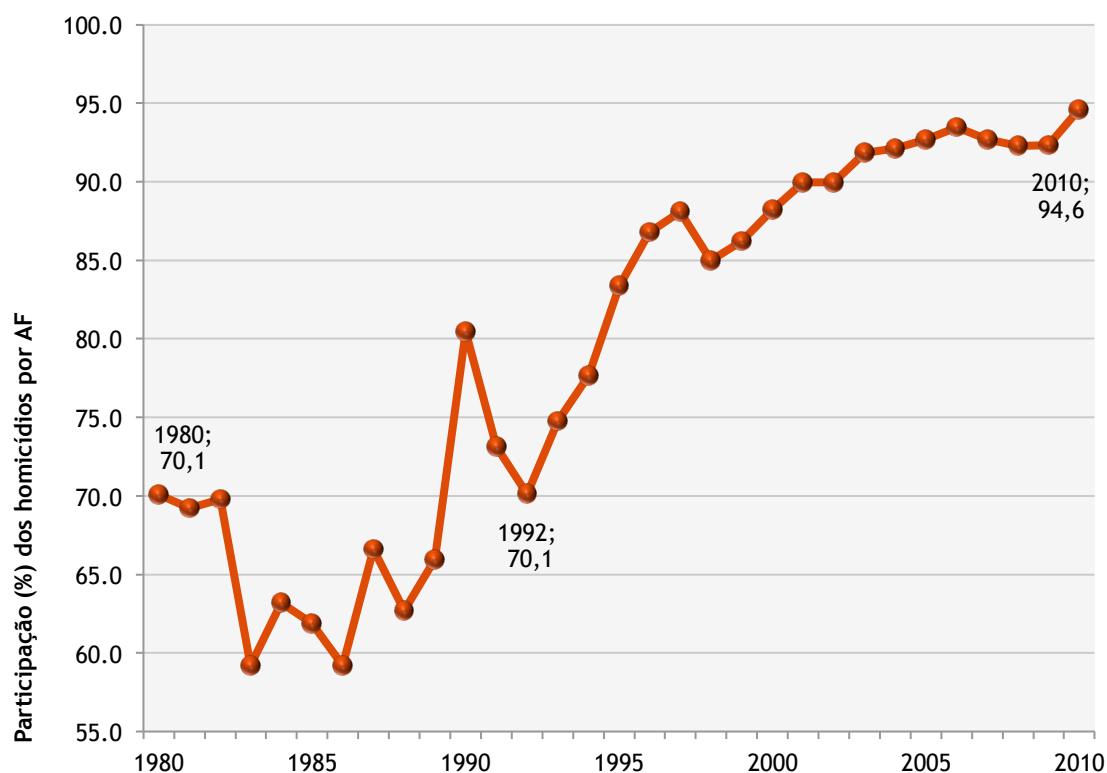
Fonte: SIM/SVS/MS

Em função desse diferencial de crescimento, a brecha da mortalidade por AF entre os jovens e o conjunto da população vai se ampliando ao longo do tempo: se nos primeiros anos da série a taxa jovem era 75% maior à da população total, nos últimos anos gira em torno de 116%, isto é, mais do que o dobro e, como veremos mais adiante, são os homicídios os que explicarão esse diferencial.

⁶ Número de homicídios registrados para cada 100 mil habitantes (população total, jovens, etc).

Outro fato que deve ser destacado nos dados é a crescente participação dos homicídios nas estatísticas de mortalidade por armas de fogo, como pode ser melhor visualizado no Gráfico 2.2.

Gráfico 2.2. Participação (%) dos homicídios por AF no total de óbitos por AF. Brasil, 1980/2010



Fonte: SIM/SVS/MS

Efetivamente, se, no início de nossa série histórica, os homicídios representavam, em média, aproximadamente 70% do total de mortes por armas de fogo, a partir de 1992 começa uma íngreme escalada até 1997. A partir dessa ano, a participação continua crescendo, mas em ritmo bem menor. Já em 2010 os homicídios chegam a representar a quase totalidade das mortes por armas de fogo (94,6%). Assim, temos um duplo processo que parece configurar um círculo vicioso:

- Por um lado, desde 1980, crescimento dos índices de homicídio no país, com tendência à estagnação nos últimos anos
- Por outro lado, crescimento do uso das armas de fogo como instrumento letal nesses homicídios.

3. Mortalidade por armas de fogo nas unidades federadas

A Tabela 3.1 permite verificar a enorme heterogeneidade de situações na evolução da mortalidade por AF ao desagregar os dados para UF e regiões do país.

Efetivamente, o crescimento global de 11,2% no número de óbitos por AF na década 2000/2010 é resultante de um conjunto de situações extremadamente diferenciadas.

Por um lado, pode ser observado um pesado crescimento da mortalidade na Região Norte - 195,2% na década, quase triplicando o número de vítimas. Em menor escala, também no Nordeste o crescimento foi elevado: 92,2%, quase duplicando o número no período.

Na Região Norte, é o Pará que atua como carro chefe desse crescimento, quase quintuplicando o número de mortes por AF no período. Em menor escala, também os estados de Amapá e de Amazonas apresentam elevado crescimento: acima de 150%;

Já no Nordeste, a maior parte das UF apresenta elevados índices de crescimento, com destaque para o Maranhão, cujo número de vítimas cresce 344,6% na década. Mas também Alagoas, Bahia, Ceará e Paraíba mostram taxas de crescimento de mais de 200% isto é, mais que triplicando seu número de vítimas por AF. O único estado da região a evidenciar queda nos números foi Pernambuco: saldo negativo de 27,8%.

Já na região Centro-Oeste, os quantitativos permanecem praticamente estagnados, com quedas no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, baixo crescimento no DF e crescimento moderado em Goiás.

Já a região Sul teve um crescimento moderado: 53,6% devido ao forte incremento evidenciado no Paraná - 112,7% - e, em menor escala, por Santa Catarina: 68,6%.

A única região a evidenciar quedas na década é o Sudeste, cujo número de óbitos apresenta a expressiva diminuição de 39,7%. Essas quedas são puxadas, fundamentalmente, por São Paulo, cujos números em 2010 representam por volta de 1/3 do que eram no ano 2000. Com menor intensidade, esse movimento também foi

acompanhado pelo Rio de Janeiro, com queda de 37,6%. Já Minas Gerais teve um significativo aumento: 64,2%.

Tabela 3.1. Número de óbitos por AF, UF e Região. Brasil, 2000/2010

UF/REGIÃO	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Δ%
Acre	49	67	77	57	60	44	54	59	47	72	73	49,0
Amapá	41	50	53	79	77	56	77	66	70	69	106	158,5
Amazonas	263	223	218	200	255	285	390	434	475	592	660	151,0
Pará	526	625	741	909	1.028	1.253	1.396	1.490	2.058	2.144	2.622	398,5
Rondônia	303	416	409	409	370	408	410	341	305	367	368	21,5
Roraima	52	47	57	45	46	36	41	32	42	34	32	-38,5
Tocantins	123	168	105	144	119	100	114	100	115	145	145	17,9
Norte	1.357	1.596	1.660	1.843	1.955	2.182	2.482	2.522	3.112	3.423	4.006	195,2
Alagoas	495	623	725	783	763	926	1.315	1.563	1.615	1.577	1.725	248,5
Bahia	1.523	1.746	2.073	2.311	2.262	2.319	2.625	3.055	4.387	4.966	4.818	216,3
Ceará	696	706	815	908	959	1.068	1.136	1.316	1.428	1.645	2.113	203,6
Maranhão	204	259	286	370	363	522	524	654	769	868	907	344,6
Paraíba	397	367	451	483	485	571	667	694	781	1.043	1.234	210,8
Pernambuco	3.693	4.028	3.761	3.823	3.405	3.561	3.674	3.772	3.492	3.149	2.667	-27,8
Piauí	133	146	158	199	182	184	244	242	206	228	248	86,5
Rio Grande do Norte	272	312	303	342	372	414	465	557	651	761	652	139,7
Sergipe	307	403	414	363	317	333	424	358	390	455	476	55,0
Nordeste	7.720	8.590	8.986	9.582	9.108	9.898	11.074	12.211	13.719	14.692	14.840	92,2
Espírito Santo	1.030	1.060	1.243	1.213	1.215	1.219	1.325	1.389	1.510	1.574	1.385	34,5
Minas Gerais	1.601	1.744	2.201	2.965	3.400	3.253	3.232	3.172	2.928	2.779	2.629	64,2
Rio de Janeiro	6.757	6.698	7.229	6.819	6.508	6.305	6.026	5.582	4.865	4.592	4.219	-37,6
São Paulo	10.631	11.409	10.229	10.094	8.146	6.376	6.187	4.507	4.237	4.216	3.845	-63,8
Sudeste	20.019	20.911	20.902	21.091	19.269	17.153	16.770	14.650	13.540	13.161	12.078	-39,7
Paraná	1.297	1.517	1.653	1.913	2.078	2.181	2.357	2.429	2.681	2.800	2.759	112,7
Rio Grande do Sul	1.663	1.671	1.732	1.729	1.735	1.751	1.760	1.924	2.053	1.924	1.741	4,7
Santa Catarina	315	361	409	489	447	461	448	464	585	573	531	68,6
Sul	3.275	3.549	3.794	4.131	4.260	4.393	4.565	4.817	5.319	5.297	5.031	53,6
Distrito Federal	591	586	569	655	599	536	518	613	635	766	651	10,2
Goiás	780	813	940	886	982	960	977	1.005	1.289	1.253	1.320	69,2
Mato Grosso	747	635	654	653	521	546	556	591	626	617	603	-19,3
Mato Grosso do Sul	496	442	474	484	419	392	418	431	418	468	363	-26,8
Centro-Oeste	2.614	2.476	2.637	2.678	2.521	2.434	2.469	2.640	2.968	3.104	2.937	12,4
Brasil	34.985	37.122	37.979	39.325	37.113	36.060	37.360	36.840	38.658	39.677	38.892	11,2

Fonte: SIM/SVS/MS

Tomando em conta a população existente nos locais analisados, vemos (nas tabelas 3.2 e 3.3 e no gráfico 3.1) que as taxas de óbito para cada 100 mil habitantes permaneceram praticamente inalteradas nos anos extremos da década, aproximadamente 20,5 homicídios por 100 mil habitantes, mas com aumentos até 2003 e oscilações posteriores até 2010.

A desagregação das taxas por Estado e Região permite verificar uma forte mudança nos padrões históricos vigentes. Tal mudança será melhor analisada nos próximos capítulos, mas já aqui é possível destacar algumas de suas características:

Tabela 3.2. Taxas de óbito por AF (em 100 mil), UF e Região. Brasil, 2000/2010

UF/REGIÃO	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Δ %
Acre	8,8	11,7	13,1	9,5	9,8	6,6	7,9	8,4	6,9	10,2	10,0	13,2
Amapá	8,6	10,0	10,3	14,8	13,9	9,4	12,5	10,4	11,4	10,8	15,8	84,2
Amazonas	9,4	7,7	7,4	6,6	8,2	8,8	11,8	12,8	14,2	17,3	18,9	102,6
Pará	8,5	9,9	11,5	13,8	15,4	18,0	19,6	20,6	28,1	28,8	34,6	307,2
Rondônia	22,0	29,5	28,6	28,1	25,0	26,6	26,2	21,4	20,4	24,0	23,6	7,3
Roraima	16,0	13,9	16,4	12,6	12,5	9,2	10,2	7,7	10,2	7,9	7,1	-55,7
Tocantins	10,6	14,2	8,7	11,7	9,5	7,7	8,6	7,4	9,0	10,9	10,5	-1,4
Norte	10,5	12,0	12,3	13,4	13,9	14,8	16,5	16,4	20,6	22,1	25,3	140,1
Alagoas	17,5	21,8	25,1	26,8	25,9	30,7	43,1	50,7	51,6	50,5	55,3	215,2
Bahia	11,7	13,2	15,6	17,2	16,7	16,8	18,8	21,7	30,2	34,8	34,4	195,0
Ceará	9,4	9,4	10,6	11,7	12,2	13,2	13,8	15,8	16,9	19,5	25,0	166,9
Maranhão	3,6	4,5	4,9	6,3	6,1	8,6	8,5	10,4	12,2	13,5	13,8	282,2
Paraíba	11,5	10,6	12,9	13,7	13,7	15,9	18,4	19,0	20,9	27,8	32,8	184,2
Pernambuco	46,6	50,3	46,5	46,8	41,3	42,3	43,2	43,9	40,0	35,9	30,3	-35,0
Piauí	4,7	5,1	5,5	6,8	6,2	6,1	8,0	7,9	6,6	7,3	8,0	70,0
Rio Grande do Norte	9,8	11,1	10,6	11,8	12,7	13,8	15,3	18,1	21,0	24,3	20,6	110,1
Sergipe	17,2	22,2	22,4	19,4	16,7	16,9	21,2	17,6	19,5	22,4	23,0	33,8
Nordeste	16,2	17,8	18,4	19,4	18,3	19,4	21,5	23,4	25,8	27,7	28,0	72,9
Espírito Santo	33,3	33,6	38,8	37,3	36,8	35,8	38,2	39,5	43,7	45,2	39,4	18,5
Minas Gerais	8,9	9,6	12,0	16,0	18,1	16,9	16,6	16,1	14,8	14,1	13,4	49,9
Rio de Janeiro	47,0	46,0	49,1	45,8	43,3	41,0	38,7	35,5	30,7	28,8	26,4	-43,8
São Paulo	28,7	30,3	26,8	26,1	20,8	15,8	15,1	10,8	10,3	10,2	9,3	-67,5
Sudeste	27,6	28,5	28,1	28,0	25,2	21,9	21,1	18,2	16,9	16,4	15,0	-45,6
Paraná	13,6	15,6	16,9	19,3	20,7	21,3	22,7	23,1	25,3	26,6	26,4	94,8
Rio Grande do Sul	16,3	16,2	16,6	16,4	16,3	16,1	16,1	17,4	18,9	17,9	16,3	-0,3
Santa Catarina	5,9	6,6	7,4	8,7	7,9	7,9	7,5	7,7	9,7	9,3	8,5	44,5
Sul	13,0	13,9	14,7	15,9	16,2	16,3	16,7	17,4	19,3	19,3	18,4	40,8
Distrito Federal	28,8	27,9	26,5	29,9	26,8	23,0	21,7	25,2	24,8	29,9	25,3	-12,1
Goiás	15,6	15,9	18,0	16,7	18,2	17,1	17,0	17,2	22,1	21,1	22,0	41,0
Mato Grosso	29,8	24,8	25,1	24,6	19,3	19,5	19,5	20,3	21,2	20,6	19,9	-33,4
Mato Grosso do Sul	23,9	20,9	22,1	22,3	19,1	17,3	18,2	18,5	17,9	19,6	14,8	-37,9
Centro-Oeste	22,5	20,8	21,8	21,7	20,1	18,7	18,6	19,5	21,7	22,4	20,9	-7,0
Brasil	20,6	21,5	21,7	22,2	20,7	19,6	20,0	19,5	20,4	20,9	20,4	-1,0

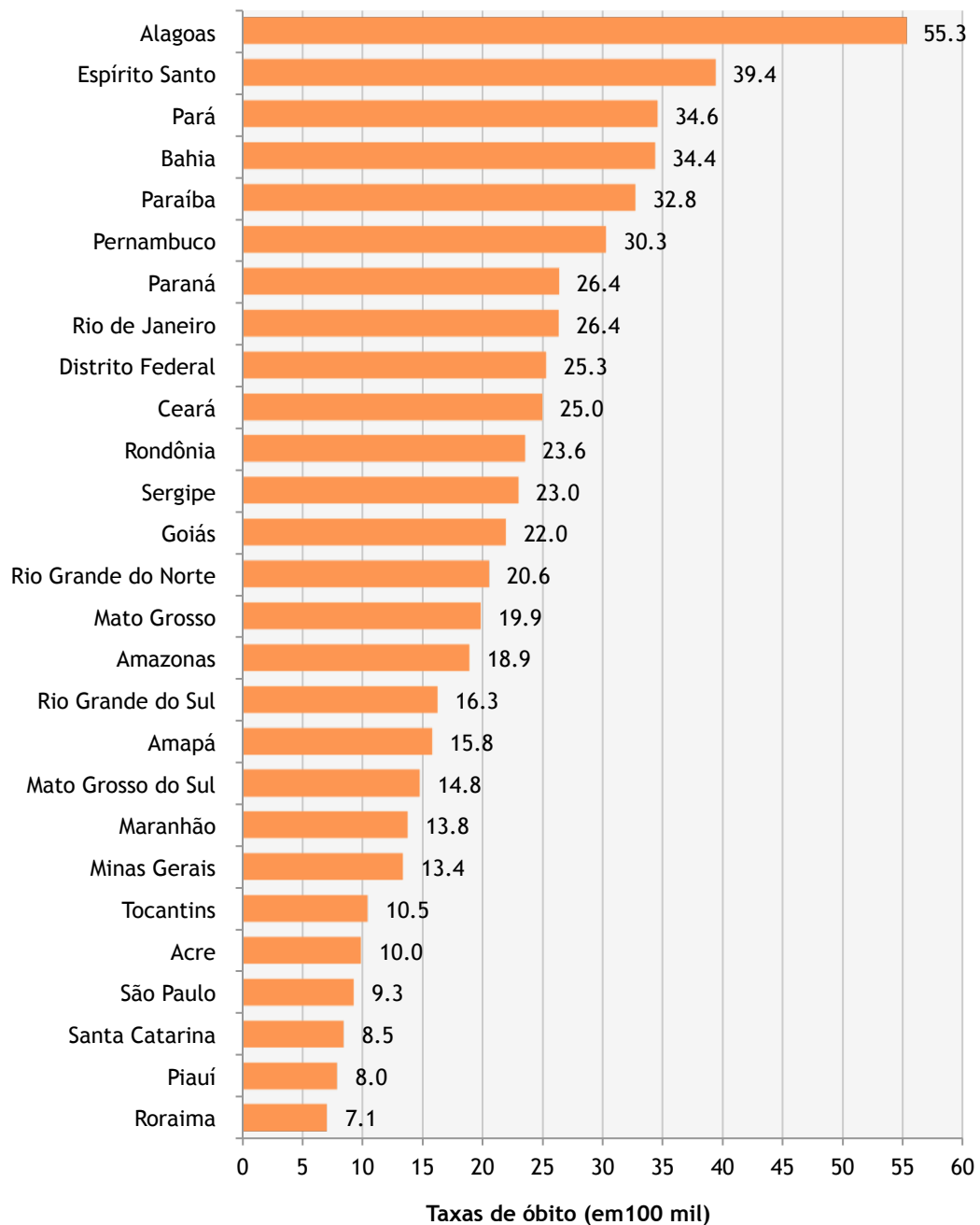
Fonte: SIM/SVS/MS

Tabela 3.3. Ordenamento das UF segundo Taxas de Óbito por AF (em 100 mil habitantes). Brasil. 2000 e 2010

UF	2000		2010		Δ% 2000/10
	Taxa	Posição	Taxa	Posição	
Alagoas	17,5	9°	55,3	1°	215,2
Espírito Santo	33,3	3°	39,4	2°	18,5
Pará	8,5	24°	34,6	3°	307,2
Bahia	11,7	15°	34,4	4°	195,0
Paraíba	11,5	16°	32,8	5°	184,2
Pernambuco	46,6	2°	30,3	6°	-35,0
Paraná	13,6	14°	26,4	7°	94,8
Rio de Janeiro	47,0	1°	26,4	8°	-43,8
Distrito Federal	28,8	5°	25,3	9°	-12,1
Ceará	9,4	19°	25,0	10°	166,9
Rondônia	22,0	8°	23,6	11°	7,3
Sergipe	17,2	10°	23,0	12°	33,8
Goiás	15,6	13°	22,0	13°	41,0
Rio Grande do Norte	9,8	18°	20,6	14°	110,1
Mato Grosso	29,8	4°	19,9	15°	-33,4
Amazonas	9,4	20°	18,9	16°	102,6
Rio Grande do Sul	16,3	11°	16,3	17°	-0,3
Amapá	8,6	23°	15,8	18°	84,2
Mato Grosso do Sul	23,9	7°	14,8	19°	-37,9
Maranhão	3,6	27°	13,8	20°	282,2
Minas Gerais	8,9	21°	13,4	21°	49,9
Tocantins	10,6	17°	10,5	22°	-1,4
Acre	8,8	22°	10,0	23°	13,2
São Paulo	28,7	6°	9,3	24°	-67,5
Santa Catarina	5,9	25°	8,5	25°	44,5
Piauí	4,7	26°	8,0	26°	70,0
Roraima	16,0	12°	7,1	27°	-55,7

Fonte: SIM/SVS/MS

Gráfico 3.1. Taxas de óbito por AF (por 100 mil habitantes) nas UF. Brasil. 2010



Fonte: SIM/SVS/MS

Tabela 3.4. Número, taxas de óbito e distribuição % das vítimas por Armas de Fogo segundo causa, UF e Região. Brasil, 2010.

UF/REGIÃO	Número de óbitos				Taxas (por 100 mil)				Estrutura (%)			
	Acidentes	Homicídios	Suicídios	Indeter- minados	Acidentes	Homicídios	Suicídios	Indeter- minados	Acidentes	Homicídios	Suicídios	Indeter- minados
Acre	3	62	4	4	0,4	8,5	0,5	0,5	4,1	84,9	5,5	5,5
Amapá	0	103	2	1	0,0	15,4	0,3	0,1	0,0	97,2	1,9	0,9
Amazonas	10	633	12	5	0,3	18,2	0,3	0,1	1,5	95,9	1,8	0,8
Pará	54	2.520	20	28	0,7	33,2	0,3	0,4	2,1	96,1	0,8	1,1
Rondônia	6	348	10	4	0,4	22,3	0,6	0,3	1,6	94,6	2,7	1,1
Roraima	1	29	1	1	0,2	6,4	0,2	0,2	3,1	90,6	3,1	3,1
Tocantins	5	125	14	1	0,4	9,0	1,0	0,1	3,4	86,2	9,7	0,7
Norte	79	3.820	63	44	0,5	24,1	0,4	0,3	2,0	95,4	1,6	1,1
Alagoas	1	1.721	3	0	0,0	55,2	0,1	0,0	0,1	99,8	0,2	0,0
Bahia	40	4.449	45	284	0,3	31,7	0,3	2,0	0,8	92,3	0,9	5,9
Ceará	14	2.056	24	19	0,2	24,3	0,3	0,2	0,7	97,3	1,1	0,9
Maranhão	50	812	33	12	0,8	12,4	0,5	0,2	5,5	89,5	3,6	1,3
Paraíba	4	1.215	14	1	0,1	32,3	0,4	0,0	0,3	98,5	1,1	0,1
Pernambuco	2	2.630	30	5	0,0	29,9	0,3	0,1	0,1	98,6	1,1	0,2
Piauí	11	220	17	0	0,4	7,1	0,5	0,0	4,4	88,7	6,9	0,0
Rio Grande do Norte	10	615	11	16	0,3	19,4	0,3	0,5	1,5	94,3	1,7	2,5
Sergipe	1	461	13	1	0,0	22,3	0,6	0,0	0,2	96,8	2,7	0,2
Nordeste	133	14.179	190	338	0,3	26,7	0,4	0,6	0,9	95,5	1,3	2,3
Espírito Santo	2	1.359	23	1	0,1	38,7	0,7	0,0	0,1	98,1	1,7	0,1
Minas Gerais	41	2.455	93	40	0,2	12,5	0,5	0,2	1,6	93,4	3,5	1,5
Rio de Janeiro	8	4.118	41	52	0,1	25,8	0,3	0,3	0,2	97,6	1,0	1,2
São Paulo	46	3.434	205	160	0,1	8,3	0,5	0,4	1,2	89,3	5,3	4,2
Sudeste	97	11.366	362	253	0,1	14,1	0,5	0,3	0,8	94,1	3,0	2,1
Paraná	8	2.648	59	44	0,1	25,4	0,6	0,4	0,3	96,0	2,1	1,6
Rio Grande do Sul	7	1.495	165	74	0,1	14,0	1,5	0,7	0,4	85,9	9,5	4,3
Santa Catarina	5	477	46	3	0,1	7,6	0,7	0,0	0,9	89,8	8,7	0,6
Sul	20	4.620	270	121	0,1	16,9	1,0	0,4	0,4	91,8	5,4	2,4
Distrito Federal	1	630	20	0	0,0	24,5	0,8	0,0	0,2	96,8	3,1	0,0
Goiás	10	1.270	29	11	0,2	21,2	0,5	0,2	0,8	96,2	2,2	0,8
Mato Grosso	9	568	20	6	0,3	18,7	0,7	0,2	1,5	94,2	3,3	1,0
Mato Grosso do Sul	3	339	15	6	0,1	13,8	0,6	0,2	0,8	93,4	4,1	1,7
Centro-Oeste	23	2.807	84	23	0,2	20,0	0,6	0,2	0,8	95,6	2,9	0,8
Brasil	352	36.792	969	779	0,2	19,3	0,5	0,4	0,9	94,6	2,5	2,0

Fonte: SIM/SVS/MS

4. Mortalidade por armas de fogo nas capitais

A evolução da mortalidade por AF nas capitais acompanha bem de perto à observada nas UFs, mas com níveis mais elevados de vitimização.

Tabela 4.1. Número de óbitos por armas de fogo nas capitais. Brasil. 2000/2010

Capital	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Δ%
Belém	201	228	240	317	310	420	345	396	537	510	634	215,4
Boa Vista	28	26	22	30	27	18	22	16	26	19	21	-25,0
Macapá	32	32	44	60	53	41	53	47	53	49	87	171,9
Manaus	223	166	162	150	201	237	319	363	402	520	567	154,3
Palmas	21	34	15	30	20	13	19	20	8	15	22	4,8
Porto Velho	119	161	135	133	147	159	183	163	120	127	143	20,2
Rio Branco	41	57	62	43	40	27	35	43	34	50	38	-7,3
NORTE	665	704	680	763	798	915	976	1.048	1.180	1.290	1.512	127,4
Aracaju	149	228	198	189	172	145	173	137	148	170	156	4,7
Fortaleza	346	354	399	420	427	572	614	770	735	819	1.159	235,0
João Pessoa	189	209	210	237	211	246	266	314	352	433	518	174,1
Maceió	252	364	396	410	445	514	780	821	906	763	881	249,6
Natal	125	139	147	148	180	237	252	270	266	340	262	109,6
Recife	1.254	1.249	1.182	1.182	1.167	1.154	1.197	1.162	1.093	941	735	-41,4
Salvador	619	783	947	974	876	884	969	1.194	1.799	1.921	1.596	157,8
São Luís	86	121	96	135	147	148	155	209	247	322	316	267,4
Teresina	79	85	98	129	112	115	150	132	114	134	154	94,9
NORDESTE	3.099	3.532	3.673	3.824	3.737	4.015	4.556	5.009	5.660	5.843	5.777	86,4
Belo Horizonte	667	699	866	1.170	1.377	1.142	1.042	1.075	887	774	716	7,3
Rio de Janeiro	3.144	2.883	3.126	3.002	2.848	2.412	2.499	2.244	1.887	1.832	1.486	-52,7
São Paulo	4.099	4.632	3.824	4.009	2.947	2.345	2.160	1.584	1.275	1.344	1.172	-71,4
Vitória	190	197	207	183	204	224	231	211	195	195	199	4,7
SUDESTE	8.100	8.411	8.023	8.364	7.376	6.123	5.932	5.114	4.244	4.145	3.573	-55,9
Curitiba	345	381	418	520	562	645	724	730	880	853	821	138,0
Florianópolis	25	45	77	96	96	91	74	78	77	71	78	212,0
Porto Alegre	520	439	502	468	515	510	456	612	596	514	462	-11,2
SUL	890	865	997	1.084	1.173	1.246	1.254	1.420	1.553	1.438	1.361	52,9
Brasília	591	586	569	655	599	536	518	613	635	766	651	10,2
Campo Grande	228	172	177	182	157	152	144	180	143	157	104	-54,4
Cuiabá	270	252	208	207	182	172	174	170	176	182	158	-41,5
Goiânia	250	260	336	331	331	311	331	329	451	361	393	57,2
CENTRO OESTE	1.339	1.270	1.290	1.375	1.269	1.171	1.167	1.292	1.405	1.466	1.306	-2,5
BRASIL	14.093	14.782	14.663	15.410	14.353	13.470	13.885	13.883	14.042	14.182	13.529	-4,0

Fonte: SIM/SVS/MS

As capitais brasileiras possuem, de acordo com o censo de 2010, um total de 45,5 milhões de habitantes, o que representa 23,8% da população total do país. Mas o número de vítimas por AF nessas capitais, também em 2010, foi de 13.529, representando 34,8% do total nacional de óbitos pela referida causa.

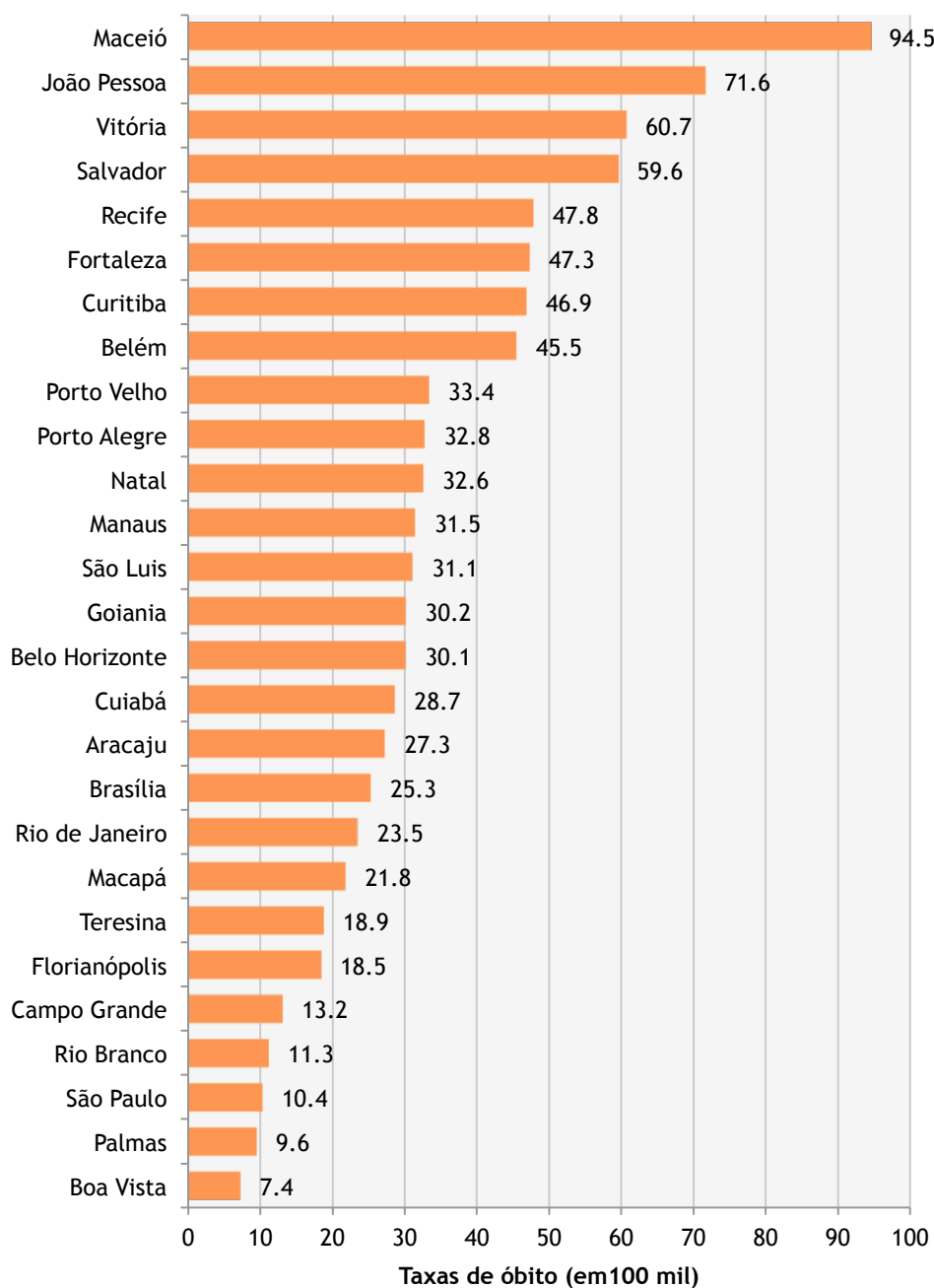
O descompasso entre esses percentuais pode ser observado também no crescimento das taxas. Se nas UF entre 2000 e 2010 houve uma queda de 1%, nas capitais essa queda foi bem maior: 14,6%.

Tabela 4.2. Taxas de óbito (em 100 mil) por armas de fogo nas capitais. Brasil. 2000/2010

Capital	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Δ%
Belém	15,7	17,5	18,1	23,6	22,8	29,9	24,2	27,3	37,7	36,2	45,5	189,9
Boa Vista	14,0	12,5	10,3	13,6	11,9	7,4	8,8	6,2	10,0	7,0	7,4	-47,1
Macapá	11,3	10,8	14,4	18,9	16,1	11,5	14,4	12,3	14,8	12,9	21,8	93,4
Manaus	15,9	11,4	10,9	9,8	12,8	14,4	18,9	21,0	23,5	29,6	31,5	98,4
Palmas	15,3	22,5	9,3	17,4	10,9	6,2	8,6	8,6	4,3	7,3	9,6	-37,0
Porto Velho	35,6	47,0	38,8	37,6	40,8	42,5	48,0	42,0	31,6	31,4	33,4	-6,2
Rio Branco	16,2	21,8	23,2	15,7	14,2	8,8	11,1	13,3	11,3	15,7	11,3	-30,2
NORTE	17,1	17,5	16,5	18,1	18,5	20,2	21,0	22,0	25,6	27,2	31,0	81,8
Aracaju	32,3	48,7	41,8	39,4	35,4	29,1	34,2	26,8	27,6	30,7	27,3	-15,4
Fortaleza	16,2	16,2	18,0	18,6	18,6	24,1	25,4	31,3	29,7	33,3	47,3	192,5
João Pessoa	31,6	34,4	33,9	37,7	33,0	37,2	39,6	46,0	50,8	61,1	71,6	126,5
Maceió	31,6	44,5	47,5	48,3	51,4	56,9	84,6	87,2	98,0	82,2	94,5	199,0
Natal	17,5	19,2	20,0	19,9	23,8	30,5	31,9	33,7	33,3	42,5	32,6	85,8
Recife	88,1	86,9	81,6	80,9	79,2	76,9	79,0	76,0	70,5	61,0	47,8	-45,8
Salvador	25,3	31,5	37,6	38,1	33,8	33,1	35,7	43,3	61,0	68,3	59,6	135,4
São Luís	9,9	13,6	10,6	14,6	15,6	15,1	15,5	20,5	25,0	32,2	31,1	215,0
Teresina	11,0	11,7	13,2	17,2	14,7	14,6	18,7	16,2	14,2	16,6	18,9	71,3
NORDESTE	30,5	34,2	35,0	35,9	34,6	36,0	40,2	43,5	48,3	50,3	50,1	64,4
Belo Horizonte	29,8	30,9	37,9	50,7	59,2	48,1	43,4	44,3	36,4	32,2	30,1	1,2
Rio de Janeiro	53,7	48,9	52,7	50,3	47,4	39,6	40,7	36,3	30,6	29,4	23,5	-56,2
São Paulo	39,3	44,1	36,1	37,5	27,4	21,5	19,6	14,3	11,6	12,1	10,4	-73,5
Vitória	65,0	66,6	69,1	60,5	66,7	71,5	72,9	65,8	61,4	60,4	60,7	-6,6
SUDESTE	43,0	44,4	42,0	43,4	38,0	31,1	29,9	25,5	21,3	20,6	17,6	-59,1
Curitiba	21,7	23,5	25,4	31,1	33,1	36,7	40,5	40,1	48,1	47,7	46,9	115,6
Florianópolis	7,3	12,8	21,4	26,0	25,4	22,9	18,2	18,7	19,1	17,2	18,5	153,5
Porto Alegre	38,2	32,0	36,3	33,6	36,7	35,7	31,6	42,1	41,7	36,2	32,8	-14,2
SUL	27,0	25,9	29,4	31,6	33,7	34,8	34,5	38,5	42,4	39,7	38,0	40,4
Brasília	28,8	27,9	26,5	29,9	26,8	23,0	21,7	25,2	24,8	29,9	25,3	-12,1
Campo Grande	34,4	25,3	25,6	25,8	21,8	20,3	18,8	23,1	19,1	20,5	13,2	-61,5
Cuiabá	55,9	51,1	41,6	40,7	35,3	32,2	32,1	30,8	32,3	33,2	28,7	-48,7
Goiânia	22,9	23,4	29,8	28,9	28,5	25,9	27,1	26,5	35,6	28,1	30,2	32,0
CENTRO OESTE	31,2	29,0	28,9	30,2	27,4	24,3	23,8	25,8	27,5	28,4	25,1	-19,7
BRASIL	34,8	36,0	35,3	36,6	33,7	30,7	31,3	30,9	31,2	31,3	29,8	-14,6

Fonte: SIM/SVS/MS

Gráfico 4.1. Taxas de óbito (em 100 mil) por AF nas capitais. Brasil. 2010



Fonte: SIM/SVS/MS

As tabelas e gráficos acima expostos permitem verificar que várias capitais do país praticamente triplicam suas taxas entre os anos 2000 e 2010, como Belém, Fortaleza, Maceió e São Luís, enquanto outras mais que duplicam seus índices: João Pessoa, Salvador, Curitiba e Florianópolis.

Em contrapartida, várias capitais, principalmente Rio de Janeiro, São Paulo e Campo Grande, observam suas taxas caírem de forma acelerada.

Outro dado relevante, além do crescimento, são as taxas propriamente ditas. Aqui preocupam capitais como Maceió, João Pessoa, Vitória e Salvador, com taxas acima de 50 óbitos para cada 100 mil habitantes.

5. Mortalidade por armas de fogo nos municípios

Quando se desagregam os dados para os municípios do país, a mortalidade por AF pode apresentar fortes oscilações de um ano para outro, principalmente nos municípios de menor porte. Para dar estabilidade ao indicador municipal, optou-se por:

- a. Trabalhar com a média de óbitos por AF dos últimos 3 anos disponíveis: 2008, 2009 e 2010. Assim, a taxa foi calculada relacionando a média de óbitos por AF 2008/2010 com a média das estimativas de população do município para esses mesmos anos.
- b. Calcular as taxas só para os municípios com mais de 20 mil habitantes, que representam, utilizando os resultados do censo demográfico de 2010, um total de 1651 municípios.

Esses 1.651 municípios com mais de 20 mil habitantes, apesar de representarem apenas 29,7% do total de 5.565 cidades existentes no país no ano de 2010, concentravam 82,9% da população e 93,5% dos óbitos por AF do referido ano.

Na tabela a seguir são enumerados os 100 municípios com as maiores taxas médias de mortes por armas de fogo das cidades com mais de 20 mil habitantes. A lista completa dos municípios pode ser encontrada no site www.mapadaviolencia.org.br.

Tal como aconteceu quando analisamos os homicídios, essa desagregação por município evidencia a existência de diferentes e/ou novas configurações de **focos** de violência, além dos já tradicionais - centrados nas capitais e regiões metropolitanas.

- **Novos Polos de Crescimento no Interior.** Consolida-se, durante a década de 1990, um processo de desconcentração econômica que culmina em novos polos que atraem investimentos, trabalho e migrações. Somado a esse processo, as deficiências e insuficiências do aparelho do Estado e da Segurança Pública contribuem para a atração da criminalidade e da violência nesses novos polos.
- **Municípios de Fronteira.** Municípios de pequeno e médio porte que, por sua localização estratégica em áreas de fronteira internacional, são rota

de grandes organizações transnacionais de contrabando de produtos ou armas, pirataria e tráfico de drogas.

- **Municípios do Arco do Desmatamento Amazônico.** Permeados por trabalho escravo, madeireiras ilegais, grilagem de terras, extermínio de comunidades indígenas locais, muitas vezes em função de grandes empreendimentos agrícolas que demandam terras “desocupadas” ao amparo de fortes interesses políticos e financeiros locais.
- **Municípios de Turismo Predatório.** Localizados, principalmente, na orla marítima que atrai um turismo flutuante de finais de semana altamente predatório.
- **Municípios de Violência Tradicional,** que existem e subsistem ao longo do tempo, como o “polígono da maconha” de Pernambuco ou grotões de clientelismo político.

Cada uma dessas *configurações* apresenta modos específicos e diferenciados de produção de violência armada, demandando abordagens também diferenciadas nas políticas de enfrentamento.

Podemos observar na tabela 5.1 que quatro municípios do país ultrapassam a marca das 100 mortes por armas de fogo por 100 mil habitantes. Dois desses municípios pertencem ao estado da Bahia: Simões Filho e Lauro de Freitas. Os outros dois encontram-se no Paraná: Campina Grande do Sul e Guaíra.

Tabela 5.1. Número de homicídios e de óbitos por AF e taxas médias 2008/2010 de óbitos por AF nos municípios com mais de 20.000 habitantes. Brasil. 2008/2010.

Município	UF	População 2010	n. homicídios AF			n. óbitos AF			Taxa média 08/10	Pos.
			2008	2009	2010	2008	2009	2010		
Simões Filho	BA	118.047	163	135	179	169	145	180	141,5	1º
Campina Grande do Sul	PR	38.769	34	40	38	38	42	41	107,0	2º
Lauro de Freitas	BA	163.449	136	161	170	153	180	173	106,6	3º
Guaíra	PR	30.704	39	21	32	41	21	32	103,9	4º
Maceió	AL	932.748	898	759	878	907	763	882	91,6	5º
Porto Seguro	BA	126.929	100	104	127	107	105	127	91,4	6º
Ananindeua	PA	471.980	327	325	620	332	327	620	88,1	7º
Eunápolis	BA	100.196	74	105	73	79	105	76	87,4	8º
Marabá	PA	233.669	172	200	186	172	201	187	86,1	9º
Serra	ES	409.267	357	343	320	360	344	322	84,8	10º
Arapiraca	AL	214.006	154	197	181	154	199	181	84,3	11º
Itabuna	BA	204.667	152	187	170	156	190	174	83,2	12º
Itapissuma	PE	23.769	19	20	20	19	20	20	82,3	13º
Jacobina	BA	79.247	3	16	37	10	98	85	81,4	14º
Ilha de Itamaracá	PE	21.884	22	12	13	22	12	13	77,8	15º
Pilar	AL	33.305	30	20	26	30	20	26	76,9	16º
Extremoz	RN	24.569	6	18	8	11	25	16	73,7	17º
Goianésia do Pará	PA	30.436	25	21	13	28	22	14	72,3	18º
Dias d'Ávila	BA	66.440	49	32	39	57	35	39	71,0	19º
Piraquara	PR	93.207	51	53	79	56	54	80	70,7	20º
Cariacica	ES	348.738	266	263	210	267	264	211	69,6	21º
Ourlândia do Norte	PA	27.359	2	12	19	12	16	21	67,3	22º
Cabo de Santo Agostinho	PE	185.025	139	102	112	141	103	112	66,9	23º
Buritis	RO	32.383	17	19	27	17	21	27	65,4	24º
Marechal Deodoro	AL	45.977	31	30	27	32	30	27	64,1	25º
Marituba	PA	108.246	46	63	89	47	63	89	64,1	26º
Teotônio Vilela	AL	41.152	30	24	25	30	24	25	63,7	27º
Tailândia	PA	79.297	47	50	41	49	52	41	63,6	28º
Almirante Tamandaré	PR	103.204	56	65	66	58	65	67	63,4	29º
Salvador	BA	2.675.656	1.633	1.747	1.558	1.800	1.921	1.603	63,1	30º
São Sebastião	AL	32.010	20	23	17	20	23	17	62,6	31º
Novo Progresso	PA	25.124	2	16	17	5	18	21	62,5	32º
Tucumã	PA	33.690	5	16	31	7	16	34	62,1	33º

(Continua)

Continuação tabela 5.1.

Município	UF	População 2010	n. homicídios AF			n. óbitos AF			Taxa média 08/10	Pos.
			2008	2009	2010	2008	2009	2010		
Foz do Iguaçu	PR	256.088	193	170	161	197	173	164	61,9	34°
Feira de Santana	BA	556.642	181	238	274	297	362	397	61,7	35°
Armação dos Búzios	RJ	27.560	24	16	11	24	16	11	61,5	36°
Santa Terezinha de Itaipu	PR	20.841	13	13	11	14	13	11	61,5	37°
Ariquemes	RO	90.353	56	67	34	59	67	35	61,4	38°
João Pessoa	PB	723.515	346	431	515	352	433	518	61,3	39°
Vitória	ES	327.801	194	194	194	195	195	201	61,0	40°
Recife	PE	1.537.704	1.078	937	726	1.093	942	736	59,8	41°
Floresta	PE	29.285	18	14	15	19	16	16	59,6	42°
Colniza	MT	26.381	19	16	14	19	17	14	59,5	43°
Pinhais	PR	117.008	49	61	96	50	62	96	59,3	44°
Agrestina	PE	22.679	14	16	9	14	17	9	59,2	45°
Teixeira de Freitas	BA	138.341	45	73	86	55	81	93	58,2	46°
Rondon do Pará	PA	46.964	28	22	30	30	22	30	58,1	47°
Guaratuba	PR	32.095	19	21	15	19	22	15	58,0	48°
Coaraci	BA	20.964	21	5	12	21	5	12	57,9	49°
Cabo Frio	RJ	186.227	109	124	82	109	126	83	57,8	50°
São Miguel dos Campos	AL	54.577	28	24	39	28	24	39	56,4	51°
Tucuruí	PA	97.128	59	60	40	59	61	40	55,8	52°
Vila Velha	ES	414.586	211	271	200	212	271	203	55,6	53°
Redenção	PA	75.556	27	40	46	27	41	50	55,3	54°
Linhares	ES	141.306	77	91	52	77	93	54	54,9	55°
Betim	MG	378.089	249	219	185	250	220	186	54,2	56°
Cabedelo	PB	57.944	7	30	51	7	30	51	53,8	57°
Vitória da Conquista	BA	306.866	106	159	227	107	161	229	53,4	58°
Toritama	PE	35.554	11	21	22	11	21	22	53,2	59°
Camaçari	BA	242.970	121	107	115	131	123	118	52,7	60°
Amélia Rodrigues	BA	25.190	9	11	4	15	18	6	52,7	61°
Goiana	PE	75.644	39	42	35	39	44	35	52,5	62°
Alagoinhas	BA	141.949	70	82	63	71	83	63	51,8	63°
Itupiranga	PA	51.220	25	27	15	28	29	15	51,3	64°

(Continua)

Continuação tabela 5.1.

Município	UF	População 2010	n. homicídios AF			n. óbitos AF			Taxa Média 08/10	Pos.
			2008	2009	2010	2008	2009	2010		
Caaporã	PB	20.362	5	9	11	11	9	11	51,3	65°
União dos Palmares	AL	62.358	33	30	30	35	30	30	50,8	66°
Patos	PB	100.674	50	51	49	52	51	49	50,5	67°
Rio Branco do Sul	PR	30.650	9	20	13	11	22	15	50,4	68°
Castanhal	PA	173.149	66	91	92	68	91	92	50,4	69°
Rio Largo	AL	68.481	45	23	34	45	23	34	50,1	70°
Valparaíso de Goiás	GO	132.982	35	65	88	36	66	88	49,9	71°
Paraty	RJ	37.533	18	23	13	18	23	13	49,5	72°
Jacundá	PA	51.360	28	26	21	30	27	21	49,1	73°
Bayeux	PB	99.716	31	59	53	31	59	53	48,8	74°
Pacajá	PA	39.979	23	22	13	23	23	13	48,7	75°
Valença	BA	88.673	22	24	71	27	29	72	48,2	76°
São José dos Pinhais	PR	264.210	100	144	132	105	146	136	48,1	77°
Fazenda Rio Grande	PR	81.675	21	49	44	22	49	45	48,1	78°
Novo Repartimento	PA	62.050	38	14	16	46	22	16	48,0	79°
Jaboatão dos Guararapes	PE	644.620	369	332	241	373	338	242	48,0	80°
São Mateus	ES	109.028	44	56	48	45	57	49	48,0	81°
Cupira	PE	23.390	9	19	5	9	19	5	47,7	82°
Guarapari	ES	105.286	62	46	41	62	46	41	47,7	83°
Curitiba	PR	1.751.907	866	832	796	880	854	821	47,6	84°
Pedro Canário	ES	23.794	7	14	13	7	14	13	47,2	85°
Ibimirim	PE	26.954	15	19	5	15	19	5	46,8	86°
Alvorada	RS	195.673	96	72	76	100	89	96	46,7	87°
Abreu e Lima	PE	94.429	48	44	41	48	44	41	46,6	88°
Governador Nunes Freire	MA	25.401	7	2	8	7	16	12	46,6	89°
Vitória de Santo Antão	PE	129.974	70	55	52	70	55	53	46,4	90°
São Sebastião do Passé	BA	42.153	9	27	22	9	27	22	46,2	91°
Piranhas	AL	23.045	11	7	15	11	7	15	46,1	92°
Joaquim Gomes	AL	22.575	10	10	11	10	10	11	46,0	93°
Araucária	PR	119.123	36	64	55	39	65	57	45,7	94°
Escada	PE	63.517	51	18	17	51	18	17	45,6	95°
Caruaru	PE	314.912	146	132	121	149	139	125	45,2	96°
Candeias	BA	83.158	39	28	37	43	31	37	45,0	97°
Vera Cruz	BA	37.567	13	13	22	13	15	22	44,8	98°
Barra dos Coqueiros	SE	24.976	8	11	11	8	11	11	44,7	99°
Ponta Porã	MS	77.872	37	39	24	38	39	25	44,6	100°

Fonte: SIM/SVS/MS

6. Idade, sexo e raça/cor das vítimas

Tentaremos neste capítulo delinear um sintético perfil das vítimas mortais das armas de fogo, descrição limitada pelos escassos dados disponíveis.

Em primeiro lugar, suas idades. Como indicamos no capítulo 2, ao analisar a evolução da mortalidade por armas de fogo no período de 1980 a 2010, o crescimento da mortalidade entre os jovens foi bem mais intenso que no resto da população. Se para todas as idades os números cresceram 346,5% ao longo do período, entre os jovens esse crescimento foi de 414,0%. Também os homicídios juvenis cresceram de forma mais acelerada: na população total foi de 502,8%, mas entre os jovens o aumento foi de 591,5%.

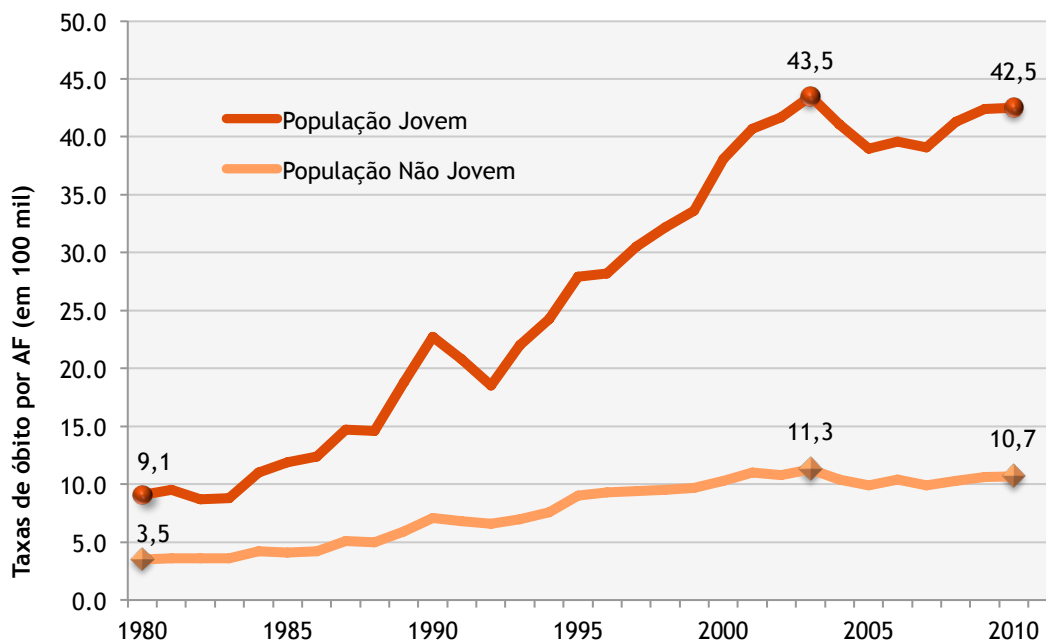
Esse fenômeno pode ser melhor interpretado se dividirmos a população total em dois grandes grupos: os *jovens* - população na faixa de 15 a 29 anos de idade - e os *não jovens*, o resto da população (isto é, tanto aqueles com menos de 15 anos, quanto os com idade acima de 29 anos). A evolução das taxas de óbito por AF de 1980 a 2010 nos dois grupos pode ser visualizada na tabela e no gráfico 6.1.

Tabela 6.1. Evolução das taxas de óbito (em 100 mil) por AF. População jovem e não jovem. Brasil. 1980/2010

Ano	População	
	Jovem	Não Jovem
1980	9,1	3,5
1981	9,5	3,6
1982	8,7	3,6
1983	8,8	3,6
1984	11,0	4,2
1985	11,9	4,1
1986	12,4	4,2
1987	14,7	5,1
1988	14,6	5,0
1989	18,8	5,9
1990	22,7	7,1
1991	20,8	6,8
1992	18,5	6,6
1993	22,0	7,0
1994	24,3	7,6
1995	27,9	9,0
1996	28,2	9,3
1997	30,5	9,4
1998	32,2	9,5
1999	33,6	9,7
2000	38,1	10,3
2001	40,7	11,0
2002	41,7	10,8
2003	43,5	11,3
2004	41,1	10,4
2005	39,0	9,9
2006	39,6	10,4
2007	39,1	9,9
2008	41,3	10,3
2009	42,4	10,6
2010	42,5	10,7

Fonte: SIM/SVS/MS

Gráfico 6.1. Evolução das taxas de óbito (em 100 mil) por AF. População jovem e não jovem. Brasil 1980/2010



Fonte: SIM/SVS/MS

Podemos ver que:

- As taxas de óbito crescem em ambos os grupos até o ano de 2003. A partir dessa data, observa-se primeiro uma queda e mais tarde uma retomada do crescimento das taxas.
- Embora o desenho seja semelhante, o crescimento das taxas juvenis foi bem mais alto e significativo do que o crescimento das taxas da população *não jovem*.
- Efetivamente, as taxas da população não jovem passam de 3,5 óbitos em 1980 para 10,7 em 2010, o que representa um crescimento de 7,2 pontos percentuais. Nesse mesmo período as taxas juvenis passam de 9,1 para 42,5 óbitos por 100 mil jovens, o que representa um aumento de 33,4 pontos percentuais.

A tabela e o gráfico 6.2. detalham a distribuição etária das mortes por armas de fogo no ano de 2010.

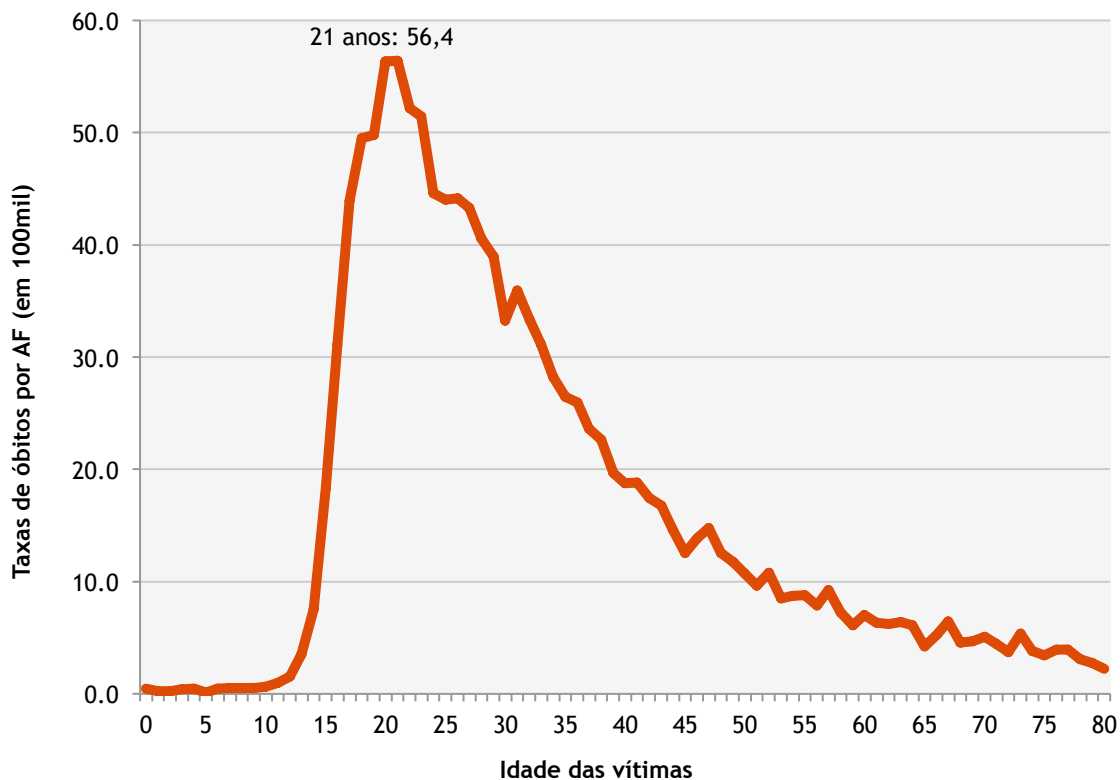
Pode ser vista a enorme concentração de mortalidade nas idades jovens, com pico nos 21 anos de idade, quando os óbitos por AF atingem a impressionante marca de 56,4 mortes por 100 mil jovens nessa idade.

Tabela 6.2. Taxas de mortalidade por AF e idades simples. Brasil. 2010

Idade	Taxa	Idade	Taxa	Idade	Taxa	Idade	Taxa
0	0,5	20	56,3	40	18,8	60	7,0
1	0,3	21	56,4	41	18,8	61	6,4
2	0,2	22	52,2	42	17,5	62	6,2
3	0,4	23	51,5	43	16,7	63	6,4
4	0,5	24	44,6	44	14,6	64	6,1
5	0,1	25	44,0	45	12,5	65	4,2
6	0,4	26	44,2	46	13,9	66	5,3
7	0,5	27	43,3	47	14,8	67	6,4
8	0,5	28	40,5	48	12,6	68	4,6
9	0,5	29	38,9	49	11,7	69	4,7
10	0,6	30	33,3	50	10,7	70	5,1
11	1,0	31	35,9	51	9,7	71	4,4
12	1,5	32	33,4	52	10,8	72	3,7
13	3,5	33	31,2	53	8,5	73	5,4
14	7,6	34	28,2	54	8,7	74	3,8
15	18,3	35	26,5	55	8,8	75	3,4
16	31,1	36	26,0	56	7,9	76	4,0
17	43,9	37	23,6	57	9,3	77	4,0
18	49,5	38	22,6	58	7,2	78	3,1
19	49,8	39	19,7	59	6,1	79	2,8
						80	2,2

Fonte: SIM/SVS/MS

Gráfico 6.2. Taxas de mortalidade por AF e idades simples. Brasil. 2010



Fonte: SIM/SVS/MS

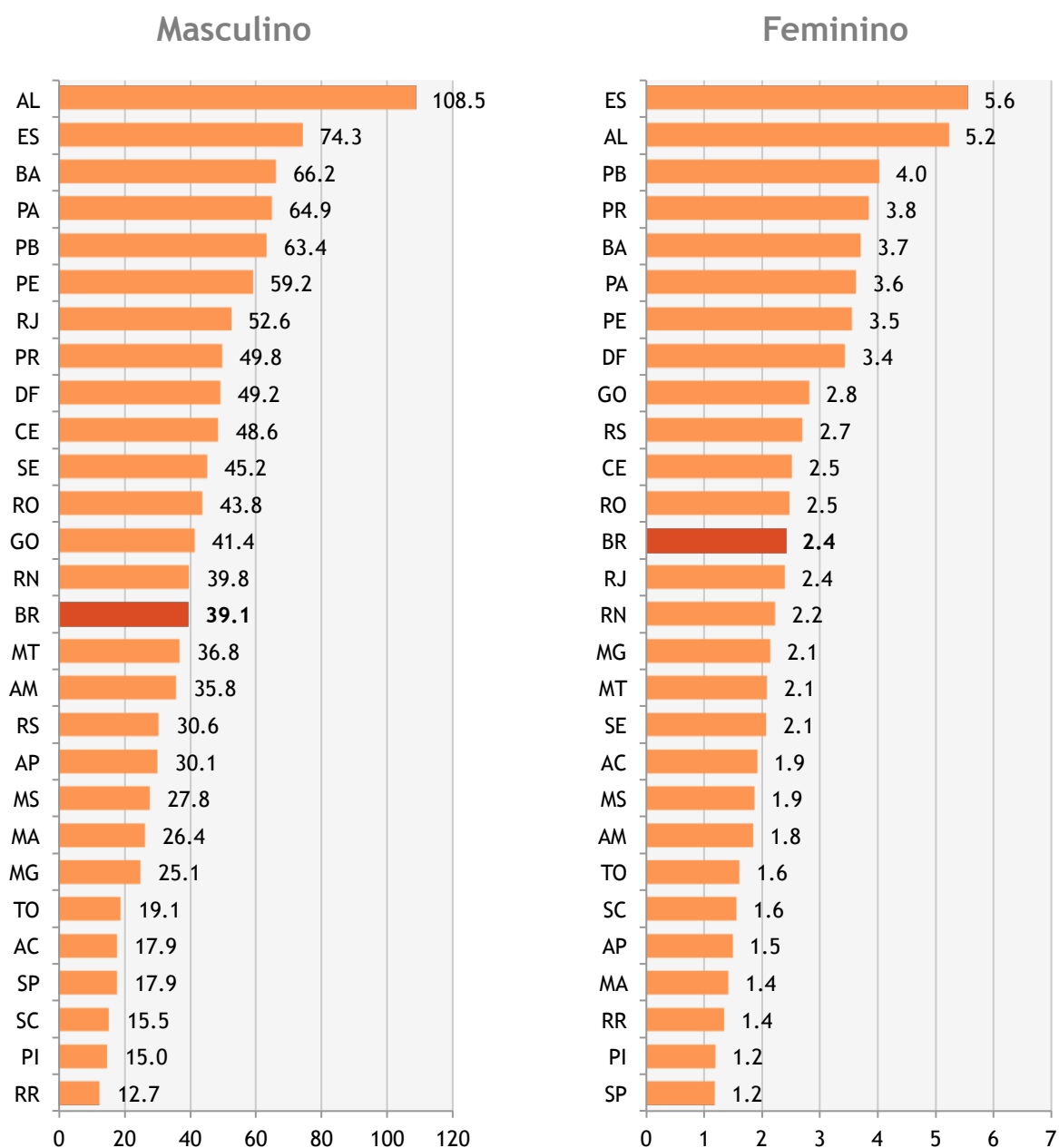
Similar ao que ocorre com as vítimas de homicídio, a vitimização do sexo masculino é extremamente elevada nas mortes por arma de fogo: 93,9%. Há pouca variação de tal tendência entre as causas das mortes registradas pelo SIM.

Tabela 6.3. Número e % de óbitos por AF segundo sexo.

Causa básica	número		%	
	masc	fem	masc	fem
Acidente	321	31	91,2	8,8
Homicídio	34.576	2.194	94,0	6,0
Suicídio	868	101	89,6	10,4
Indeterminado	718	57	92,6	7,4
Total	36.483	2.383	93,9	6,1

Fonte: SIM/SVS/MS

Gráfico 6.3. Taxas de óbito por AF (por 100 mil habitantes) segundo sexo e Unidade da Federação. Brasil. 2010



O Gráfico 6.3 permite verificar as taxas de óbito (para cada 100 mil habitantes) discriminadas por sexo, nas diferentes UF. Vemos que Alagoas destaca-se pelos altos níveis de vitimização masculina. O Espírito Santo e a Bahia também apresentam taxas elevadas. Já o Espírito Santo registra os níveis mais elevados de vítimas de armas de fogo do sexo feminino, seguido de perto por Alagoas e Paraíba.

Outra característica que os registros do SIM permitem verificar é a raça/cor das vítimas. Vemos na tabela 6.4 que as taxas de homicídio da população preta -19,7 óbitos para cada 100 mil pretos— são 88,4% maiores que as taxas brancas—10,5 óbitos para cada 100 mil brancos. Isto é, morrem, proporcionalmente, 88,4% mais pretos que brancos. Já as taxas de óbitos por AF dos pardos são 156,3% maiores que a dos brancos.

Tabela 6.4. Número e taxas de óbito (em 100 mil) segundo causa básica e raça/cor das vítimas. Brasil. 2010.

Raça/Cor	número				taxas (em 100 mil)			
	Acidente	Homicídio	Suicídio	Indeterminado	Acidente	Homicídio	Suicídio	Indeterminado
Branca	107	9.478	244	599	0,1	10,5	0,3	0,7
Preta	20	2.828	95	35	0,1	19,7	0,7	0,2
Amarela	2	33	1	2	0,1	1,6	0,0	0,1
Parda	206	22.198	376	291	0,2	26,8	0,5	0,4
Indígena	2	40	0	2	0,2	4,9	0,0	0,2
Total	352	36.792	779	969	0,2	19,3	0,4	0,5

Fonte: SIM/SVS/MS

Para esquematizar as análises a seguir utilizaremos a categoria *Negro* resultante do somatório de *Pretos* e *Pardos* utilizados pelo SIM e pelo IBGE nos levantamentos que realizam. Com esse mesmo intuito, pelas dificuldades de conciliar as fontes utilizadas para a estimativa das taxas⁷, trabalharemos apenas com as categorias Branco e Negro.

Vemos na tabela 6.5 que no ano de 2010 morreram, vítimas de disparo de arma de fogo, 10.428 brancos e 26.049 negros. Utilizando os dados do Censo de 2010, podemos verificar que as taxas resultantes foram 11,5 óbitos para cada 100 mil brancos e 26,8 óbitos para cada 100 mil negros. Dessa forma, a vitimização negra foi de 133%, isto é, morrem proporcionalmente vítimas de arma de fogo 133% mais negros que brancos.

Paraná, Roraima, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul destacam-se, pelas suas elevadas taxas de óbitos brancos por AF, como podemos observar na Tabela 6.5 e no

⁷ O SIM, do MS para os óbitos por AF e o Censo 2010 do IBGE para a população por raça/cor.

Gráfico 6.4. Alagoas, Paraíba, Espírito Santo e Pernambuco são as unidades com as maiores taxas de óbito negro do país.

Com relação aos níveis de vitimização por AF de negros, existem Unidades da Federação, como Alagoas e Paraíba, onde essa relação chega a ser de 1.700%. Em outras palavras, para cada branco vítima de arma de fogo, nesses estados, morrem mais de 18 negros.

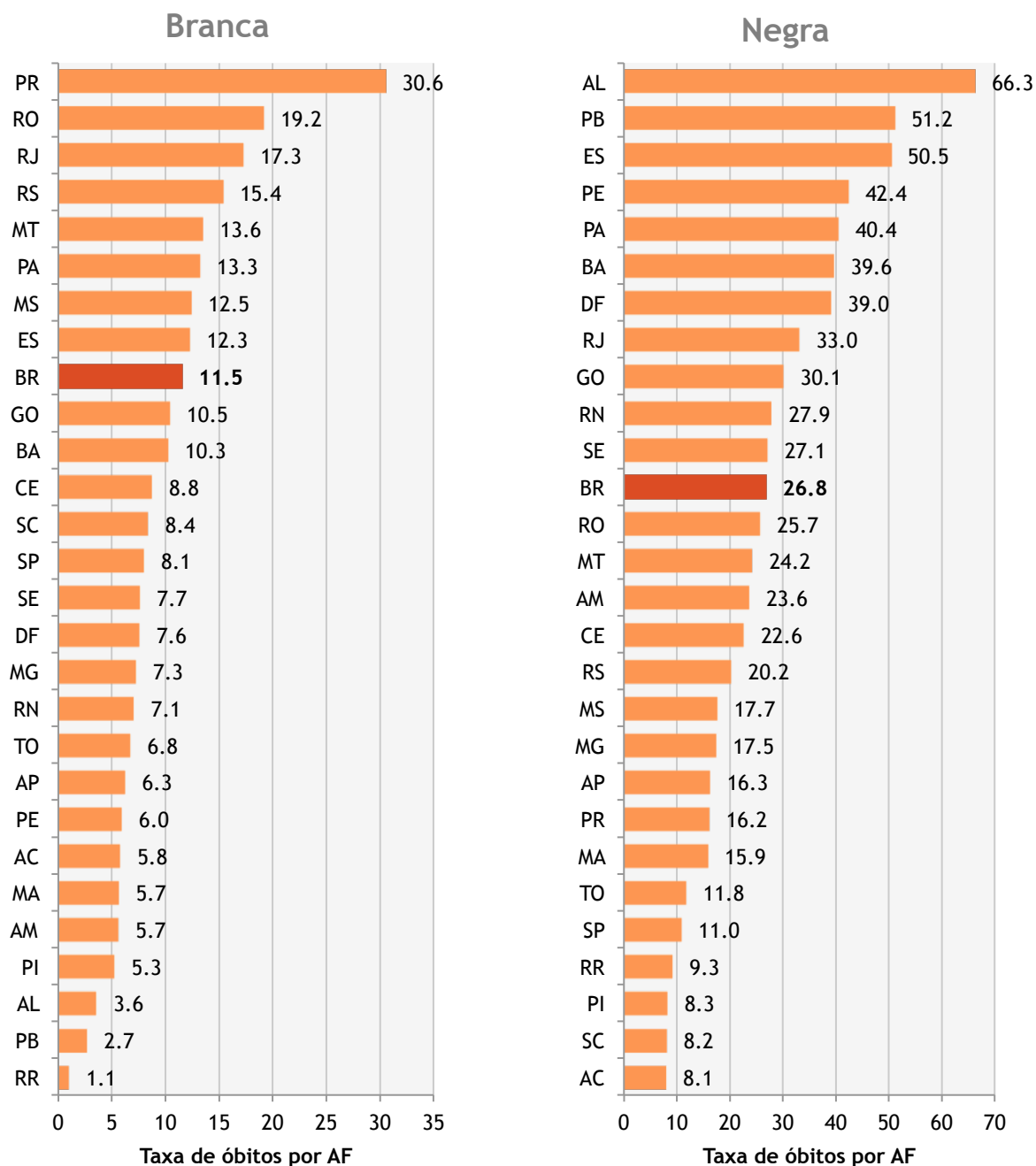
Tabela 6.5. Número e taxas de óbito (por 100 mil) e vitimização

UF/REGIÃO	número		taxas		Vitimização
	Branca	Negra	Branca	Negra	
Acre	10	43	5,8	8,1	38,4
Amapá	10	81	6,3	16,3	159,9
Amazonas	42	602	5,7	23,6	316,1
Pará	217	2.360	13,3	40,4	205,2
Rondônia	105	251	19,2	25,7	33,6
Roraima	1	28	1,1	9,3	774,0
Tocantins	23	119	6,8	11,8	74,2
Norte	408	3.484	11,1	29,8	169,2
Alagoas	35	1.394	3,6	66,3	1733,6
Bahia	317	4.240	10,3	39,6	284,7
Ceará	235	1.280	8,8	22,6	157,7
Maranhão	82	801	5,7	15,9	179,3
Paraíba	41	1.129	2,7	51,2	1765,5
Pernambuco	192	2.308	6,0	42,4	607,8
Piauí	40	190	5,3	8,3	56,7
Rio Grande do Norte	92	512	7,1	27,9	292,0
Sergipe	44	396	7,7	27,1	253,3
Nordeste	1.078	12.250	7,0	33,3	379,0
Espírito Santo	182	1.012	12,3	50,5	310,1
Minas Gerais	645	1.842	7,3	17,5	139,2
Rio de Janeiro	1.312	2.733	17,3	33,0	90,9
São Paulo	2.115	1.575	8,1	11,0	36,1
Sudeste	4.254	7.162	9,6	20,4	111,3
Paraná	2.236	482	30,6	16,2	-47,0
Rio Grande do Sul	1.372	349	15,4	20,2	31,2
Santa Catarina	442	79	8,4	8,2	-3,1
Sul	4.050	910	18,9	16,1	-15,0
Distrito Federal	82	564	7,6	39,0	411,9
Goiás	260	1.025	10,5	30,1	187,9
Mato Grosso	153	442	13,6	24,2	78,4
Mato Grosso do Sul	143	212	12,5	17,7	41,7
Centro-Oeste	638	2.243	10,9	28,5	160,5
Brasil	10.428	26.049	11,5	26,8	133,0

Fonte: SIM/SVS/MS

O Paraná representa o outro extremo: a taxa de óbitos negros equivale à metade da de brancos. Isto é, em tal estado, morrem proporcionalmente 47% mais brancos que negros.

Gráfico 6.4. Taxas de óbito por AF (em 100 mil) por UF. Brasil. 2010



Fonte: SIM/SVS/MS

7. Dados internacionais

No capítulo 2 destacamos que, entre 1980 e 2010, morreram 800 mil cidadãos vitimados por algum tipo de arma de fogo. Tanto para um cidadão comum, como para a maior parte dos especialistas, é difícil entender a exata dimensão desses números ou a interpretação do crescimento vertiginoso nesse período, que elevou o número de vítimas de 8.710 em 1980 para 38.892 em 2010. Uma melhor compreensão do significado desses números é possível se os compararmos com o número de vítimas em diversos conflitos armados ao redor do mundo, ocorridos na segunda metade do século XX. Tal comparação pode ser vista na tabela 7.1. No ano 2010, que não foi sequer o mais violento, morreram mais pessoas que em um ano de cruentos conflitos acontecidos no mundo, como a guerra civil da Guatemala, ou a Guerra das Malvinas, ou do enfrentamento Chechênia/Rússia, dentre outros.

Mas não é preciso ir tão longe quanto ao século passado para encontrar parâmetros de comparação. Recentemente, foi publicado o Relatório sobre o Peso Mundial da Violência Armada⁸. Tomando como base fontes consideradas altamente confiáveis, o Relatório constrói o quadro de mortes diretas em um total de 62 conflitos armados no mundo, registrados entre 2004 e 2007. Esses dados encontram-se sintetizados na tabela 7.2.

Os 12 maiores conflitos—que geraram 81,4% do total de mortes diretas—vitimaram 169.574 pessoas nos 4 anos contabilizados. Nesses mesmos 4 anos, 208.349 pessoas morreram no total dos 62 conflitos. No Brasil—país sem disputas territoriais, movimentos emancipatórios, guerras civis, enfrentamentos religiosos, raciais ou étnicos—, morreram mais pessoas (192.804) vítimas de homicídio que nos 12 maiores conflitos armados no mundo. Mais ainda, esse número de homicídios se encontra bem perto das mortes no total dos 62 conflitos armados registrados nesse relatório. E esses números não podem ser atribuídos às dimensões continentais do Brasil. Países com número de habitantes semelhante ao do Brasil, como Paquistão, com 185 milhões de habitantes, têm números e taxas bem menores que os nossos. E sem falar da Índia, que possui 1.214 milhões de habitantes e taxas de homicídio inferiores às do Brasil.

⁸ Geneva Declaration Secretariat. Global Burden of Armed Violence. Suíça, 2008. www.genevadeclaration.org, consultado em 15/10/2011

Tabela 7.1. Mortalidade em Conflitos Armados no Mundo

País/Conflito	Natureza do Conflito	Período	Anos de duração	N. de Mortes	Mortos /ano	Fon- te
Brasil	Mortes por armas de fogo	2010	1	38.892	38.892	4
Chechênia/ Rússia	Movimento emancipatório/ étnico	1994-1996	2	50.000	25.000	1
Etiópia - Eritreia	Disputa territorial	1998-2000	2	50.000	25.000	1
Guatemala	Guerra Civil	1970-1994	24	400.000	16.667	1
Algeria	Guerra Civil	1992-1999	7	70.000	10.000	2
Guerra do Golfo	Disputa territorial	1990-1991	1	10.000	10.000	2
El Salvador	Guerra Civil	1980-1992	12	80.000	6.667	2
Armênia -Azerbaijão	Disputa territorial	1988-1994	6	30.000	5.000	1
Nicarágua	Guerra Civil	1972-1979	7	30.000	4.286	3
Timor Leste	Independência	1974-2000	26	100.000	3.846	1
Kurdos	Disputa territorial/ movimento emancipatório	1961-2000	39	120.000	3.076	1
Angola	Independência	1961-1974	13	39.000	3.000	2
Angola	Guerra Civil/UNITA	1975-2002	27	550.000	20.370	3
Moçambique	Independência/ Guerra Civil	1962-1975	13	35.000	2.692	2
Israel - Palestina	Disputa territorial/ religiosa	1947-2000	53	125.000	2.358	1
Sirilanka	Guerra civil	1978-2000	22	50.000	2.273	1
Israel - Egito	Disputa territorial	1967-1970	3	6.400	2.133	3
Guerra das Malvinas	Disputa territorial	1982	1	2.000	2.000	2
Somália	Guerra civil	1982-2000	18	30.000	1.666	1
2a Intifada	Disputa territorial	2000-2001	1	1.500	1.500	3
Camboja	Guerra Civil/ Disputa territorial	1979-1997	18	25.000	1.388	1
Peru	Guerra civil/ Guerrilha	1981-2000	19	25.000	1.316	1
Colômbia	Guerra civil/ Guerrilha	1964-2000	36	45.000	1.250	1
Cachemira	Movimento emancipatório	1947-2000	53	65.000	1.226	1
1a Intifada	Disputa territorial	1987-1992	5	1.759	352	3
Irlanda do Norte	Guerra Civil/ movimento emancipatório	1968-1994	26	3.100	119	2

Fontes:

1 - Women's for International League for Peace and Freedom⁹

2 - Armed Conflicts Events Data Nations Index¹⁰

3 - Matthew White's Homepage¹¹

4 - SIM/SVS/MS

⁹ <http://comnet.org/local/orgs/wilpf/listofwars.html> consultado em 18/04/2005

¹⁰ <http://www.onwar.com/aced/nation/> consultado em 18/04/2005

¹¹ <http://users.erols.com/mwhite28/warstat4.htm>

Tabela 7.2. Número de mortes diretas e taxas* em conflitos armados no mundo e por armas de fogo no Brasil. 2004/2007.

Conflitos armados	2004	2005	2006	2007	Total Mortes	% do Total	Taxas* médias
Iraque	9.803	15.788	26.910	23.765	76.266	36,6	64,9
Sudão	7.284	1.098	2.603	1.734	12.719	6,1	8,8
Afganistão	917	1.000	4.000	6.500	12.417	6,0	9,9
Colômbia	2.988	3.092	2.141	3.612	11.833	5,7	6,4
Rep. Dem. do Congo	3.500	3.750	746	1.351	9.347	4,5	4,1
Sri Lanka	109	330	4.126	4.500	9.065	4,4	10,8
Índia	2.642	2.519	1.559	1.713	8.433	4,0	0,2
Somália	760	285	879	6.500	8.424	4,0	24,4
Nepal	3.407	2.950	792	137	7.286	3,5	6,8
Paquistão	863	648	1.471	3.599	6.581	3,2	1,0
Índia/Paquistão (Caxemira)	1.511	1.552	1.116	777	4.956	2,4	
Israel/Terr. Palestinos	899	226	673	449	2.247	1,1	8,3
Total de 12 conflitos	34.683	33.238	47.016	54.637	169.574	81,4	11,1
Restantes 50 conflitos	11.388	9.252	8.862	9.273	38.775	18,6	
Total (62 conflitos)	46.071	42.490	55.878	63.910	208.349	100,0	
Brasil: armas de fogo	37.113	36.060	37.360	36.840	147.373		20,0

*taxas por 100 mil habitantes.

Fontes. Conflitos armados: Global Burden of Armed Violence. Mortalidade por AF Brasil: SIM/SVS/MS

A partir das bases de dados do Sistema de Informações da OMS (WHOSIS), foi possível elaborar um amplo panorama com dados de mortalidade por armas de fogo para 100 países do mundo.

Como existem demoras e lacunas no envio das informações à OMS por parte dos países signatários, não foi possível computar dados sempre para o mesmo ano. Para conservar a comparabilidade e ao mesmo tempo ter condições de analisar o maior número de países possível, foi utilizado o período de um quinquênio: 2006/2010. Assim, o ano utilizado para efeito da comparação pode oscilar de 2006 a 2010, dependendo do último dado disponível.

Podemos observar, pela tabela 7.3, que o Brasil, com sua taxa de 20,4 óbitos por arma de fogo por 100 mil habitantes, ocupa a 9ª posição entre os 100 países analisados e, no que se refere aos homicídios por arma fogo, a 8ª posição no contexto internacional.

Tabela 7.3. Taxas de mortalidade por armas de fogo segundo causa básica em 100 países do mundo.

País	Ano	Fonte	Taxas de óbito (por 100 mil)					Ordem	
			Acidente	Homicídio	Suicídio	Inde-term.	AF	Homicídio	AF
El Salvador	2009	2	0,0	50,3	0,1	0,0	50,4	1°	1°
Venezuela	2007	3	0,2	30,5	0,5	18,4	49,5	6°	2°
Guatemala	2008	2	0,1	32,7	0,6	6,0	39,4	4°	3°
Colômbia	2009	2	0,1	35,6	1,1	0,9	37,8	2°	4°
Ilhas Virgens (EU)	2007	2	0,0	32,6	2,8	0,0	35,4	5°	5°
Trinidad e Tobago	2008	3	0,3	33,7	0,3	1,0	35,2	3°	6°
Iraque	2008	2	18,2	6,3	0,0	3,3	27,7	17°	7°
Panamá	2009	2	0,0	20,1	0,6	0,1	20,7	7°	8°
Brasil	2010	2	0,2	19,3	0,5	0,4	20,4	8°	9°
Puerto Rico	2007	2	1,3	16,3	0,8	0,1	18,4	9°	10°
México	2010	2	0,5	15,6	0,5	0,9	17,5	10°	11°
Belize	2009	2	0,0	14,3	0,3	1,6	16,2	11°	12°
Ilhas Caimão	2009	2	0,0	12,2	0,0	0,0	12,2	12°	13°
Equador	2010	2	0,4	10,2	0,3	0,8	11,7	13°	14°
Rep. Dominicana	2006	2	2,3	4,6	0,5	4,3	11,6	22°	15°
Estados Unidos	2008	3	0,2	4,0	6,0	0,1	10,3	23°	16°
África do Sul	2009	1	9,6	0,1	0,1	0,0	9,7	75°	17°
Antígua e Barbuda	2009	2	9,3	0,0	0,0	0,0	9,3	78°	18°
Uruguai	2009	3	2,0	2,6	4,6	0,1	9,2	26°	19°
São Vicente e Gr.	2010	3	9,1	0,0	0,0	0,0	9,1	78°	20°
Santa Lúcia	2008	3	8,8	0,0	0,0	0,0	8,8	78°	21°
Montenegro	2009	2	0,0	1,9	6,1	0,0	8,0	29°	22°
Paraguai	2009	2	0,3	5,8	1,1	0,5	7,8	19°	23°
Guayana	2008	2	0,1	7,3	0,3	0,0	7,7	14°	24°
Guiana Francesa	2009	4	0,8	4,7	1,7	0,4	7,6	21°	25°
Costa Rica	2009	2	0,1	6,1	1,1	0,1	7,4	18°	26°
Filipinas	2008	2	0,0	7,2	0,0	0,0	7,2	15°	27°
Ilhas Virgens (Brit.)	2009	2	6,9	0,0	0,0	0,0	6,9	78°	28°
Jamaica	2006	2	6,9	0,0	0,0	0,0	6,9	78°	29°
Dominica	2010	2	0,0	6,9	0,0	0,0	6,9	16°	30°
Argentina	2010	3	0,2	2,1	1,5	2,0	5,8	27°	31°
Barbados	2008	2	0,0	5,6	0,0	0,0	5,6	20°	32°
Tailândia	2006	3	0,1	3,4	0,2	1,3	5,0	24°	33°
Nicarágua	2010	2	0,2	3,2	0,3	0,5	4,1	25°	34°
Guadalupe	2009	4	0,0	2,0	0,5	1,5	3,9	28°	35°
Servia	2010	1	0,2	0,6	2,8	0,3	3,9	38°	36°
Finlândia	2010	1	0,0	0,3	3,3	0,0	3,6	54°	37°
Croácia	2010	1	0,1	0,6	2,4	0,0	3,0	42°	38°
França	2009	2	0,0	0,2	2,2	0,4	2,9	58°	39°

(Continua)

Tabela 7.3 (continuação)

País	Ano	Fonte	Taxas de óbito (por 100mil)					Ordem	
			Acidente	Homicídio	Suicídio	Inde-term.	AF	Homicídio	AF
Estônia	2010	1	0,1	0,3	1,6	0,6	2,5	51°	40°
Suriname	2009	3	0,2	0,4	1,0	1,0	2,5	48°	41°
Chile	2009	2	0,1	1,6	0,8	0,0	2,5	30°	42°
Eslovênia	2010	1	0,0	0,0	2,3	0,0	2,4	78°	43°
Bélgica	2006	1	0,0	0,3	2,0	0,2	2,4	52°	44°
Canadá	2009	2	0,0	0,5	1,6	0,0	2,2	43°	45°
Malta	2010	1	0,0	0,5	1,7	0,0	2,2	45°	46°
Peru	2007	2	0,9	0,6	0,0	0,3	1,9	39°	47°
Israel	2009	1	0,0	0,9	0,7	0,2	1,9	36°	48°
Macedônia	2010	1	0,1	1,1	0,6	0,0	1,8	32°	49°
Luxemburgo	2009	1	0,0	0,6	1,0	0,2	1,8	40°	50°
Hungria	2009	1	0,0	0,3	1,5	0,0	1,8	53°	51°
Noruega	2010	1	0,0	0,0	1,7	0,0	1,8	78°	52°
Rep. Checa	2010	1	0,1	0,1	1,4	0,2	1,8	70°	53°
Portugal	2010	2	0,0	0,5	1,1	0,2	1,8	46°	54°
Eslováquia	2010	1	0,4	0,2	0,9	0,2	1,7	62°	55°
Martinica	2009	4	0,0	1,0	0,7	0,0	1,7	34°	56°
Lituânia	2010	1	0,0	0,2	1,0	0,3	1,6	56°	57°
Suécia	2010	1	0,1	0,2	1,2	0,0	1,5	61°	58°
Dinamarca	2006	1	0,0	0,2	1,2	0,0	1,5	57°	59°
Letônia	2010	1	0,0	0,2	0,9	0,3	1,4	64°	60°
Bulgária	2010	1	0,2	0,4	0,8	0,1	1,4	47°	61°
Sri Lanka	2006	3	0,3	0,8	0,2	0,0	1,3	37°	62°
Jordânia	2008	1	0,2	1,1	0,1	0,0	1,3	31°	63°
Nova Zelândia	2008	1	0,1	0,2	1,0	0,0	1,3	66°	64°
Itália	2009	1	0,1	0,4	0,8	0,0	1,3	49°	65°
Islândia	2009	1	0,0	0,0	1,3	0,0	1,3	78°	66°
Áustria	2010	1	0,0	0,1	1,1	0,0	1,2	74°	67°
Alemanha	2010	1	0,0	0,1	0,9	0,1	1,1	76°	68°
Austrália	2006	3	0,3	0,1	0,7	0,0	1,1	69°	69°
Palestina (Ocupada)	2009	4	0,0	1,0	0,0	0,0	1,0	33°	70°
Irlanda	2010	2	0,0	0,3	0,5	0,1	1,0	50°	71°
Aruba	2009	2	0,0	1,0	0,0	0,0	1,0	35°	72°
Granada	2010	2	0,9	0,0	0,0	0,0	0,9	78°	73°
Quirquistão	2009	1	0,2	0,5	0,1	0,1	0,8	44°	74°

(Continua)

Tabela 7.3 (continuação)

País	Ano	Fonte	Taxas de óbito (por 100mil)					Ordem	
			Acidente	Homicídio	Suicídio	Indeterm.	AF	Homicídio	AF
Irlanda do Norte	2010	1	0,0	0,1	0,7	0,0	0,8	71°	75°
Geórgia	2009	2	0,5	0,1	0,0	0,1	0,8	72°	76°
Rep. de Moldova	2010	1	0,1	0,3	0,3	0,1	0,7	55°	77°
Chipre	2010	2	0,0	0,2	0,4	0,1	0,6	63°	78°
Espanha	2010	1	0,1	0,1	0,4	0,0	0,6	68°	79°
Bahamas	2008	1	0,0	0,6	0,0	0,0	0,6	41°	80°
Cuba	2010	2	0,0	0,2	0,3	0,0	0,5	59°	81°
Holanda	2010	1	0,0	0,2	0,2	0,0	0,5	60°	82°
Escócia	2010	1	0,0	0,1	0,2	0,1	0,4	77°	83°
Arábia Saudita	2009	3	0,3	0,0	0,0	0,0	0,3	78°	84°
Polônia	2010	1	0,0	0,0	0,1	0,1	0,3	78°	85°
Reino Unido	2010	3	0,0	0,0	0,2	0,0	0,2	78°	86°
Maurício	2010	1	0,0	0,2	0,1	0,0	0,2	67°	87°
Egito	2010	1	0,1	0,0	0,0	0,1	0,2	78°	88°
Malásia	2006	2	0,0	0,1	0,0	0,1	0,2	73°	89°
Kuwait	2009	1	0,0	0,2	0,0	0,0	0,2	65°	90°
Romênia	2010	1	0,1	0,0	0,1	0,0	0,2	78°	91°
Azerbaijão	2007	1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	78°	92°
Coreia	2010	1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	78°	93°
Marrocos	2008	2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	78°	94°
Japão	2010	1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	78°	94°
Hong Kong SAR	2009	1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	78°	94°
Anguilla	2010	2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	78°	94°
Bermuda	2008	2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	78°	94°
Montserrat	2010	2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	78°	94°
Catar	2009	3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	78°	94°

Fontes:

- Mortalidade: Whosis/OMS
- População: 1. Whosis/OMS
- 2. Census
- 3. UIS/Unesco
- 4. Estimativas

8. Considerações finais

Nos últimos anos, muito se tem argumentado sobre o tema do controle das armas de fogo, mas de forma esporádica. Surge na consciência pública - e principalmente na mídia - quando um fato trágico irrompe na aparente *naturalidade* e aceitação das centenas de massacres cotidianos. Assim foi com o matança de Realengo, em abril de 2011, quando um jovem atirador com dois revólveres invade uma escola na cidade de Rio de Janeiro matando 12 alunos entre 12 e 14 anos de idade. Ou a recente matança em Newtown, quando outro jovem, dessa vez com modernas semiautomáticas, massacra 20 alunos e dois adultos em uma escola primária do estado de Connecticut, nos Estados Unidos.

Depois do estardalhaço inicial, contudo, o tema cai rapidamente no esquecimento, substituído por outras tragédias, como o recente incêndio numa boate na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

Apesar de as armas de fogo serem fonte de acima de 70% dos homicídios no país, as discussões sobre o tema de seu controle, sua limitação e/ou o desarmamento da população fatalmente desaguam em duas posturas antagônicas.

- Por um lado, o porte de armas de fogo pela população, diante das deficiências do aparelho de segurança pública, estimularia o crime, uma vez que a autodefesa armada aumenta os riscos e os custos para a criminalidade.
- Por outro, as armas de fogo em mãos da população aumentaria o risco de qualquer conflito ou disputa terminar em assassinato.

Não há dúvida de que por trás dessas discussões existem poderosos interesses, muito a ver com o que foi denominado de *complexo industrial-militar* desde meados do século XX. Não é nossa intenção nem objetivo aprofundar nesse tema, mas o que é incontestável é a crua e nua frialdade dos números. Entre 1980, ano que tomamos como ponto de partida do estudo, até 2010, último dado disponível, morreram no Brasil, segundo os registros do SIM/MS, um total de 799.226 cidadãos vítimas de armas de fogo.

Se essa cifra já representa um número assustador, é ainda mais preocupante saber que 450.255 mil deles eram jovens entre 15 e 29 anos de idade, cuja morte por armas de fogo representa:

- 67,1% do total de mortes por armas de fogo nesse período de 31 anos, isto é, dois entre cada três vítimas fatais das armas foi um jovem.
- Considerando que no ano de 2010 registrou-se um total 75.553 mortes de jovens de 15 a 29 anos de idade e que 22.694 dessas mortes foram por AF, temos que, nesse ano, exatos 30% dos óbitos juvenis tiveram sua origem no disparo de alguma arma de fogo. Colocado de outra forma: uma em cada três mortes juvenis deve-se a disparo de arma de fogo. Dessa forma as armas de fogo se constituem, de longe, na principal causa de mortalidade dos jovens brasileiros, bem longe da segunda causa: os acidentes de transporte, que representam 20% da mortalidade juvenil.

O vírus da imunodeficiência humana (HIV) responsável pela AIDS, em 2010 matou 12.151 pessoas de todas as idades. São números e situações muito preocupantes, que já deram origem a inúmeras campanhas, programas, estruturas e mecanismos de prevenção e de proteção, etc. Mas as armas de fogo mataram, nesse mesmo ano, **três vezes mais**: um total de 38.892 pessoas. Entre os jovens a AIDS foi responsável por 1.643 óbitos; já as armas de fogo mataram 22.694 jovens, isto é: **14 vezes mais!!** Mas, para esse outro flagelo, ainda são escassas e esporádicas nossas reações e políticas de contenção e enfrentamento.

Como já demonstrado, no ano de 2010 morreram no Brasil 38.892 cidadãos vitimados por bala. Isso corresponde a **108 mortes por AF a cada dia do ano**. Muito mais vítimas cotidianas do que é noticiado em nossa imprensa sobre as maiores chacinas do país ou sobre os maiores e mais cruentos atentados nos atuais enfrentamentos existentes na Palestina ou no Iraque.

Brasil, sem conflitos religiosos ou étnicos, de cor ou de raça, sem disputas territoriais ou de fronteiras, sem guerra civil ou enfrentamentos políticos levados ao plano da luta armada consegue exterminar mais cidadãos pelo uso de armas de fogo do que muitos dos conflitos armados contemporâneos, como a guerra da Chechênia, a do Golfo, as várias Intifadas, as guerrilhas colombianas ou a guerra de liberação de Angola e Moçambique ou toda uma longa série de conflitos armados acontecidos já no presente século.

No contexto internacional, analisando os dados correspondentes a 100 países para os quais contamos com informações sistemáticas sobre o tema, o Brasil com uma taxa de 20,4 óbitos por armas de fogo em 100 mil habitantes ocupa o nono lugar, depois de El Salvador, Venezuela, Guatemala e Colômbia, que ocupam as

quatro primeiras colocações e em oitavo lugar no item homicídios com AF. Nossa taxa fica muito longe da de países como Cuba ou Holanda que, na faixa de 0,5 vítimas de armas de fogo cada 100mil habitantes, apresentam índices 40 vezes menores à taxa brasileira. E muito mais longe ainda da Coréia ou do Japão, uma taxa de aproximadamente 0,1 mortes por armas de fogo em 100000 habitantes.

Pelas escassas fontes disponíveis, o Brasil aparece como o país com maior número de homicídios por armas de fogo do mundo. Dentre os 100 países mencionados a partir de dados da Organização Mundial da Saúde, esse fato se confirma. Brasil, com seus 36.792 homicídios por AF encontra-se bem à frente do México - 17.561, Colômbia -15.525, EUA - 12.179 ou Venezuela.

Pode-se arguir que esses quantitativos poderiam ser considerados *normais*, proporcionais à dimensão territorial e populacional do Brasil, que figura entre os cinco países mais populosos do mundo. Contudo diversos dados e estimativas disponíveis não sustentam essa visão. O Brasil tem taxas de homicídios por AF quatro vezes superiores aos da China que tem 7 vezes mais população que o Brasil. Índia, segundo país mais populoso do mundo, com 6 vezes mais habitantes que o Brasil, tem um número de assassinatos com armas de fogo 12 vezes menor. O quadro 1, a seguir, permite-nos observar os dados dos 12 países mais populosos do mundo.

Quadro 1. Homicídios por AF nos 12 países mais populosos do mundo.

País.	População (milhões)	Fontes	n. homicídios AF	Ano
China	1.339,20	Unodc_b	9.387	2010
Índia	1.184,60	Unodc	3.093	2009
USA	310,0	Whosis	12.179	2008
Indonésia	234,2	Unodc_b	13.274	2008
Brasil	193,4	SIM/MS	36.792	2010
Paquistão	170,3	Unodc_b	9.246	2010
Nigéria	164,4	Unodc_b	12.895	2008
Bangladesh	158,3	Unodc	1.456	2000
Rússia	141,9	Unodc_b	13.266	2010
Japão	127,4	Whosis	9	2010
México	108,4	Whosis	17.561	2010
Filipinas	94,0	Whosis	6.879	2010

Fontes:

SIM/MS: Sistema de Informações de Mortalidade/MS

Unodc: United Nations Office on Drugs and Crime

Unodc_b: Estimativa a partir do total de homicídios considerando participação de 70% para as AF.

Whosis: Sistema de Estatísticas da OMS

Nota População: estimativas entre 2010 e 2012.

Se essa é a realidade nacional, descendo para as Unidades da Federação e, ainda mais, para os municípios do país, a situação é bem mais heterogênea e complexa:

- Diversas UF ultrapassam a casa dos 30 óbitos por AF cada 100 mil habitantes: Espírito Santo, Pará, Bahia, Paraíba e Pernambuco, com uma situação especial: a de Alagoas, com um índice de 55,3.
- Quatro estados: São Paulo, Santa Catarina, Piauí e Roraima são os que apresentam as menores taxas: abaixo dos 10 óbitos por AF para cada 100 mil habitantes.

- Quatro municípios superam a marca de 100 óbitos por AF em cada 100 mil habitantes: dois da Bahia- Simões Filho e Lauro de Freitas, e os outros dois encontram-se no Paraná: Campina Grande do Sul e Guaíra.

Em seu mandato primordial de zelar pelo desenvolvimento da paz e da segurança mundial desde 1948, ano em que teve lugar a primeira missão da ONU na guerra entre árabes e israelenses, foram mais de 50 operações com esse fim no mundo todo. Do alto dessa experiência, uma das primeiras recomendações das missões de paz da ONU é a de “desarmar as facções criminosas em conflito.”¹²

São vários os fatores que concorrem para a explicação de nossos elevados níveis de mortalidade por armas de fogo. Sem tentar ser exaustivo, mas apontando as principais, podemos citar:

Facilidade de acesso a armas de fogo. Como indicado no capítulo 2, o arsenal de armas de fogo em mãos da população é vasto, estimado em 15,2 milhões - 6,8 registradas e 8,5 não registradas. Mas não é só essa farta disponibilidade de armas de fogo, e as facilidades existentes para sua aquisição, que levaram os níveis de violência letal do Brasil a limites insuspeitados e insuportáveis. É também a decisão de utilizar essas armas para resolver qualquer tipo de conflito interpessoal, na maior parte dos casos, banais e circunstanciais. A mistura da disponibilidade de armas de fogo e a cultura da violência vigente gerará o caldo para a produção e reprodução da violência homicida no Brasil.

Cultura da Violência. Contrariando a visão amplamente difundida, principalmente nos meios ligados à Segurança Pública, de que a violência homicida do país se encontra imediatamente relacionada às estruturas do crime, e mais especificamente à droga, diversas evidências, muitas delas bem recentes, parecem apontar o contrário:

- Em novembro de 2012 o Conselho Nacional do Ministério Público divulgou uma pesquisa que fundamentou sua campanha Conte até 10. Paz. Essa É a Atitude. O estudo foi elaborado a partir de inquéritos policiais referentes a homicídios acontecidos em 2011 e 2012, em 16 Unidades da Federação, verificando a proporção de assassinatos acontecidos por motivos fúteis e/ou por impulso. Foram incluídos nessa categoria brigas, ciúmes, conflitos entre vizinhos, desavenças, discussões, violências domésticas,

¹² Centro de Información de las Naciones Unidas. Em http://www.cinu.org.mx/temas/paz_seguridad/pk.htm#principios. Consultado em 30/05/2005

desentendimentos no trânsito, etc. Impulso e motivos fúteis representaram 100% do total de homicídios, no Acre 83%, em São Paulo 82%. Os estados com menores índices foram Rio Grande do Sul: 43% e Rio de Janeiro: 27%.

- Neste ano de 2013 o Ministério da Justiça divulga uma série de pesquisas na Coleção Pensando a Segurança Pública. Numa delas¹³ são analisados Boletins de Ocorrência e Inquéritos Policiais referentes a homicídios dolosos de três cidades brasileiras: Belém-PA e Maceió-AL, do primeiro semestre de 2010 e Guarulhos-SP, de todo o ano de 2010. Concluíram que nas três cidades uma parte substancial deve-se a vinganças pessoais, violência doméstica, motivos banais. Também verificaram um alto percentual de crimes praticados com armas de fogo em situações cotidianas (brigas entre vizinhos, violência doméstica etc.).

Impunidade. Um terceiro fator de peso são os elevados níveis de impunidade vigentes, que atuam como estímulo para a resolução de conflitos pela via violenta, diante da escassa probabilidade de punição. E também temos fortes evidências sobre o tema.

Em meados de 2012 foi divulgado o Relatório Nacional da Execução da Meta 2 da Estratégia Nacional de Justiça e Segurança Pública - ENASP, estratégia estabelecida pelo Conselho Nacional do Ministério Público, O Conselho Nacional de Justiça e o Ministério da Justiça. A Meta 2 intitulada A Impunidade como Alvo, determinava a conclusão dos inquéritos policiais por homicídio doloso instaurados até 31/12/2007, isto é, inquéritos que tinham no mínimo quatro anos de antiguidade e ainda não estavam concluídos. Para atingir essa meta, foram criados grupos-tarefa integrados, em cada unidade da federação, por representantes dos Ministérios Públicos, Polícia Civil e Poder Judiciário. Uma primeira prospecção em cada UF permitiu identificar 134.944 inquéritos por homicídios dolosos instaurados até 31/12/2007 ainda não finalizados. Depois de um ano de acionar, foi possível oferecer denúncia à justiça de um total de 8.287 inquéritos, o que representa 6,1% do número inicial de inquéritos.

¹³ Escola de Direito de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. O homicídio em três cidades brasileiras. In. Ministério da Justiça. *Homicídios no Brasil: registro e fluxo de informações*. Brasília: Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP), 2013. (Coleção Pensando a Segurança Pública; v. 1)

Como conclui o mesmo documento *O índice de elucidação dos crimes de homicídio é baixíssimo no Brasil Estima-se, em pesquisas realizadas, inclusive a realizada pela Associação Brasileira de Criminalística, 2011, que varie entre 5% e 8%. Esse percentual é de 65% nos Estados Unidos, no Reino Unido é de 90% e na França é de 80%.*

É nessas áreas que deveremos criar novas propostas e estratégias de ação, mas, primordialmente, criando oportunidades e alternativas para a juventude, setor da sociedade mais afetado pela mortalidade por armas de fogo. Criando as bases para a construção de uma nova cultura de paz e de tolerância entre os homens, com profundo respeito às diferenças e ao direito efetivo de todos os indivíduos de ter acesso aos benefícios sociais mínimos para uma vida digna: saúde, trabalho e educação. Se conseguirmos implementar conjunta e articuladamente ambas as fases desse desarmamento: o físico é o cultural, não duvidamos de que o futuro próximo será bem melhor.